

**JACQUELINE MARIANI PEREIRA**

**A RECEPÇÃO DE TEXTOS VOLANTES: ENTRE A LEITURA DO ANALISTA E A  
VISÃO DO “LEITOR COMUM”**

**TRÊS LAGOAS  
2006**

**JACQUELINE MARIANI PEREIRA**

**A RECEPÇÃO DE TEXTOS VOLANTES: ENTRE A LEITURA DO ANALISTA E A  
VISÃO DO “LEITOR COMUM”**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS  
TRÊS LAGOAS  
2006**

**JACQUELINE MARIANI PEREIRA**

**A RECEPÇÃO DE TEXTOS VOLANTES: ENTRE A LEITURA DO ANALISTA E A  
VISÃO DO “LEITOR COMUM”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
como exigência parcial para obtenção do título de  
Mestre em Linguística, sob orientação da profa.  
Dra. Marlene Durigan.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS  
TRÊS LAGOAS  
2006**

JACQUELINE MARIANI PEREIRA

A RECEPÇÃO DE TEXTOS VOLANTES: ENTRE A LEITURA DO ANALISTA  
E A VISÃO DO “LEITOR COMUM”

COMISSÃO JULGADORA

---

Profª Drª Marlene Durigan - Presidente

---

Prof. Dr. Odilon Helou Fleury Curado  
2º Examinador

---

Profª Drª Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento  
3º Examinador

Três Lagoas, maio de 2006

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, pelo amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me dado à graça de concluir este trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup> Marlene Durigan, por acreditar em mim e aceitar ser minha orientadora, encorajando-me sempre a buscar mais conhecimento e prosseguir nesta caminhada. Obrigada pela orientação, amizade, paciência, compreensão e por todo o apoio e incentivo durante todo o processo. Meu eterno agradecimento.

Aos meus professores do curso de Mestrado, pelos conhecimentos passados e dedicação na sua tarefa de formar mestres.

Aos meus colegas de mestrado, pela oportunidade de tê-los conhecido e pela convivência em momentos tão diversos.

À minha família pelo apoio e aconchego, em especial: meu sobrinho Tadeu, minha sobrinha Renata e minha irmã Mylene Mariani Pereira Branco – amo vocês.

À minha prima Ângela Pardo, pela contribuição.

À minha madrinha Marita Mariani Santos, o meu eterno amor e agradecimento por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida.

A UFMS, pela oportunidade de crescimento oferecida.

A todos os entrevistados, pela paciência em me receber e ajudar a compor o produto final deste trabalho.

À professora e amiga Márcia Lorca, por toda ajuda e disponibilidade.

Ao amigo César Vendrame, por todo auxílio.

Às amigas-irmãs Maristela Gonçalves Gomes e Márcia Gomes dos Santos, pelo incentivo durante toda a caminhada, e por todo apoio nos momentos mais difíceis.

À amiga Simone Mello de Queiroz, pela amizade e pelos momentos compartilhados.

Ao amigo Joaribes Torquato ( Juca), por compreender-me e apoiar-me nessa jornada.

À amiga Juliana Moretti, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

À amiga Valéria Fonseca de Andrade Miracca, por estar presente em todos os momentos, incentivando-me e encorajando-me, o meu eterno carinho e gratidão.

PEREIRA, Jacqueline M. A RECEPÇÃO DE TEXTOS VOLANTES: ENTRE A LEITURA DO ANALISTA E A VISÃO DO “LEITOR COMUM”. Três Lagoas. Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2006, 122 p. (Dissertação de Mestrado)

O objetivo desta pesquisa foi identificar e discutir diferentes modos de recepção de frases de camisetas (aqui concebidas como textos “volantes”), tomando como base princípios da Lingüística Textual, da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso. Para atender ao nosso propósito, analisamos 30 (trinta) textos e os submetemos a 60 leitores diferentes, num período de aproximadamente dois meses, por meio de entrevistas, gravadas em fitas k7. A esses leitores apresentamos uma única pergunta: qual a leitura que você faz dessa frase de camiseta? Para organizar as análises, os textos-volantes foram reunidos em três grupos, com base no tema (a macroestrutura). O grupo 1 – “relações entre os sexos” - reuniu 13 textos (numerados de 1 a 13); o grupo 2 – “questões de ordem político-social e cultural” –12 textos (de 14 a 25); o grupo 3 – “vícios” – congrega 5 enunciados (de 26 a 30). Para a construção do referencial teórico, que constitui o primeiro capítulo do trabalho, foram utilizadas as contribuições de Van Dijk (1989), Beaugrande & Dressler (1981), Marquesi (1996), Koch (2002), Bakhtin (2000), entre outros, como Foucault (1999) e Maingueneau (2000), cujos construtos surgem disseminados ao longo das análises. As análises e a discussão dos dados compõem o segundo capítulo, que se organiza em duas etapas: a primeira consiste da análise dos textos da perspectiva do analista e a segunda focaliza as respostas dos entrevistados. Esta pesquisa permitiu-nos constatar que os 30 textos analisados apresentaram todos os padrões de textualidade e caracterizam-se pela presença de argumentos acessíveis aos interlocutores, embora o quesito “aceitabilidade” pareça ter-se comprometido no desempenho de 17 leitores . A intertextualidade evidenciou-se em 29 dos 30 textos, manifestando-se, predominantemente, em tom chistosos e sob a forma de paródia por subversão, com a finalidade de desfazer ou criar estereótipos. Em síntese, os textos analisados captam (e apossam-se dela) a forma dos gêneros discursivos slogan, provérbio e propaganda, mas ironizam, transgridem ou contestam seus conteúdos.

Palavras-chaves – textualidade; intertextualidade; produção e recepção de textos.

PEREIRA, Jacqueline M. THE RECEPTION OF "MOVABLE" TEXTS: BETWEEN THE READING OF THE ANALYST AND THE VISION OF THE "NORMAL READER". Três Lagoas. Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006, 122 p. Dissertation (Linguistic Mastering).

The purpose of this research was to identify and to argue different ways of reception of T-shirt phrases (conceived here as "movable" texts), taking as base principles of the Textlinguistics, Enunciation Theory and Discourse Analysis. We analyzed 30 (thirty) texts to get our intention and submitted them to 60 different readers, in a period of approximately two months, by means of interviews, recorded in k7. We presented to these readers an only question: which reading do you make from this t-shirt phrase? In order to organize the analysis, the movable texts were gathered into 3 groups based on topics (macrostructure) as follows: Group 1 – relations among the sexes - 13 texts numbered from 1 to 13; Group 2 – cultural and social-political questions - 12 texts from 14 to 25 and Group 3 – addictions – 5 texts from 26 to 30. To build the theoretical reference, established in the first chapter of this work several contribution were utilized such as: Van Dijk (1989), Beaugrande & Dressler (1981), Marquesi (1996), Koch (2002), Bakhtin (2000), Foucault (1999) and Maingueneau (2000), whose contributions appear spread to the long of the analyses. The analysis and the data discussion presented in the second chapter were organized into 2 stages: one analyzes the texts from the analyst perspective and the other focuses the interviewed answers. This research allowed us to ascertain that the 30 analyzed texts presented all the textual standards and they were characterized by the presence of accessible arguments to the interlocutors, although the "acceptability" question seems to have committed 17 readers performance. The intertextuality was proved in 29 of the 30 texts, appearing in witty tone and under the form of subversion parody with the purpose to create stereotypes. In synthesis, the analyzed texts catch the form of the slogan gender, proverbs e advertising, but however make fun of, transgress or contest its contents.

Key words: Textuality; Intertextuality; Production and Reception of Texts.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I: A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E A RECEPÇÃO DE TEXTOS</b> .....	15
1.1 Leitura: da palavra ao texto.....	15
1.2 Os estudos em Lingüística Textual.....	16
1.3 A textualidade.....	25
1.4 O conceito de texto .....	35
1.5 Enunciado e Enunciação.....	40
<b>CAPÍTULO II: A RECEPÇÃO DE FRASES DE CAMISETA POR DIFERENTES LEITORES</b> .....	48
2.1 Da seleção das frases.....	50
2.2 Grupo 1: relação entre os sexos.....	52
2.3 Grupo 2: questões de ordem político-social .....	83
2.4 Grupo 3:: Vícios.....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

Tem-se multiplicado, desde os anos 80, o número de investigações destinadas a redefinir o papel da escola no desenvolvimento da competência de leitura dos alunos, para formar alunos cidadãos, críticos e conscientes de seu papel dentro da sociedade em que estão inseridos. Paralelamente, multiplicam-se as notícias de resultados de pesquisas que apontam o brasileiro entre os piores leitores do mundo.

A idéia da elaboração deste trabalho nasceu de nossa experiência enquanto professora de Língua Inglesa na Rede Pública de Ensino para alunos do Ensino Médio e Fundamental, geralmente avessos a essa “matéria” ou com muita dificuldade de aprendizado, fatores a que se alia a falta de material didático.

Vivenciando e constatando essa realidade e em discussões com outros professores, começou a incomodar-nos a idéia de como se poderia “ensinar” língua inglesa às crianças e adolescentes que estavam iniciando o contato com um outro idioma. Como poderiam os professores estimular o gosto pela língua inglesa, se esses alunos sentiam medo da nova disciplina?

A partir desses questionamentos, decidimos elaborar um projeto piloto na escola, que pudesse apontar caminhos alternativos para lidar com essas situações em sala de aula e trocar com outros professores informações, já que pregamos um modelo de escola em que as disciplinas se relacionem entre si.

Acreditávamos haver alguma maneira de se trabalhar com Língua Inglesa de forma menos traumática, que pudesse facilitar aos estudantes uma melhor compreensão e que promovesse um momento de reflexão e, conseqüentemente, favorecesse a emergência de uma nova concepção de Língua Inglesa. A leitura dos

PCN e de trabalhos que valorizavam o trabalho com textos e, particularmente, “textos do cotidiano dos alunos”, conduziram-nos a propor a eles a criação de um varal de camisetas com dizeres em inglês. Era uma tentativa de motivá-los e de mostrar-lhes o quanto o inglês fazia parte de sua rotina. O objetivo inicial era tirar a “fobia” de muitos pelo idioma, permitindo-lhes aprender de forma lúdica e interdisciplinar.

Diante da dificuldade com a língua, as frases foram traduzidas e todo o processo de ensino foi desenvolvido em língua portuguesa. Constatamos, porém, que a dificuldade dos alunos não se restringia ao idioma, à língua estrangeira, mas parecia decorrer de outros fatores, vinculados à língua materna e à produção de sentidos, impulsionando-nos à leitura de trabalhos teóricos sobre o texto e seus processos de produção/recepção. Chegamos, assim, à Lingüística Textual, cujos princípios teóricos e cujas práticas pareciam trazer a solução que buscávamos.

O interesse, inicialmente pedagógico, trouxe, então, um interesse de pesquisa para o Mestrado: as frases de camiseta – ainda inexploradas pela academia, seja pelo preconceito (uma linguagem institucionalmente não escolar), seja pelo próprio conceito de texto que permeia as práticas pedagógicas (frases não seriam propriamente textos), habituadas a textos longos – pareceram-nos, então, um produtivo lugar para a investigação.

Decidimos, então, tomar, como objeto de análise, esses pequenos textos, focalizando-lhes a configuração morfossintática, a textualidade, bem como seu contexto de produção e recepção. Partindo do princípio segundo o qual os atos de compreender (captar o significado de base) e interpretar (captar os implícitos e produzir leitura) (GIASSON, 1993) são condições primordiais para a formação do leitor e do fato de que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história,

definimos o objetivo da pesquisa: identificar e discutir diferentes modos de recepção de frases de camisetas (aqui concebidas como textos “volantes”), tomando como base princípios da Lingüística Textual, da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso.

De um universo de 500 frases, coletadas durante três anos (de 2002 a 2004), por meios diversos – algumas foram fornecidas pelos próprios alunos, outras foram recebidas por e-mail, outras compiladas nos contatos cotidianos –, escolhemos 30 (numeradas, no capítulo II, de 1 a 30), com base nos seguintes critérios: textos exclusivamente verbais, caracterizados pela completude, com argumentos acessíveis aos interlocutores, que partissem de algo conhecido, de domínio comum (conhecimento partilhado), e pudessem ser decodificados por qualquer pessoa letrada.

As frases seriam analisadas segundo os princípios da Lingüística Textual, porém, da Lingüística de Texto, que ainda parecia não abarcar todas as questões que surgiam, enveredamos para leituras acerca dos processos enunciativos e culminamos em Bakhtin, porque, além do texto, havia o discurso e porque, conforme afirma Eco (1986, p. 7), o objetivo do analista é estudar

“a atividade cooperativa que leva o destinatário a tirar do texto o que o texto não diz, mas pressupõe, promete, implica ou implícita, a preencher espaços vazios, a ligar o que existe nesse texto com o resto da intertextualidade, de onde ele nasce e onde irá se fundir”.

Assim, com tímidas incursões pela Teoria da Enunciação e pela Análise do Discurso, as análises foram feitas e as frases-textos, submetidas a diferentes leitores, nas seguintes condições: 30 homens e 30 mulheres foram entrevistados durante aproximadamente dois meses. Os textos eram expostos ao leitor, a quem apresentávamos uma única pergunta: qual é a leitura que você faz dessa frase de

camiseta? Para organizar as análises, as frases foram reunidas em três grupos, com base no tema (a macroestrutura). O grupo 1 – “relações entre os sexos” - reúne 13 textos (numerados de 1 a 13); o grupo 2 – “questões de ordem político-social e cultural” – contém 12 textos (de 14 a 25); o grupo 3 – “vícios” – congrega 5 enunciados (de 26 a 30).

As entrevistas foram gravadas e os lugares para as entrevistas foram os mais variados: escolas, postos de combustível, escritórios, casa de amigos, rodoviária e rua. Por razões éticas, não identificamos os sujeitos da pesquisa pelo nome e não foram consideradas para a análise variáveis relativas a idade, nível sócio-econômico, ou formação/titulação.

Diante das respostas, algumas hipóteses se apresentaram: a) se o leitor desconsidera ou desconhece as pistas lingüísticas, o nível de compreensão fica comprometido; b) se faltam conhecimentos prévios ao leitor, o processamento da leitura tende a fugir do esperado; c) a suposição de que todo texto admite múltiplas leituras pode conduzir o leitor a produzir sentidos não inscritos no(s) texto(s) como virtualidades; d) a existência de uma leitura feita pelo entrevistador/analista pode induzi-lo a reconhecer uma única resposta como “verdadeira”, ignorando a autonomia do sujeito produtor de leitura.

Para a construção do referencial teórico, que constitui o primeiro capítulo deste trabalho, foram utilizadas as contribuições de Van Dijk (1989), Beaugrande & Dressler (1981), Marquesi (1996), Koch (2002), Bakhtin (2000), entre outros, como Foucault (1999) e Maingueneau (2000), cujos construtos surgem disseminados ao longo das análises.

As análises e a discussão dos dados compõem o segundo capítulo, que se organiza em duas etapas básicas: a primeira consiste da análise dos textos da perspectiva do analista e a segunda focaliza as respostas dos entrevistados.

Esperamos, com esta pesquisa, contribuir para a discussão do complexo jogo interacional instaurado no processo de leitura/interpretação de textos e para a reflexão sobre as práticas pedagógicas de leitura hoje em execução, pondo em evidência o fato de que também “as formas de conhecimento que vivem à margem do discurso institucional escolar” (CITELLI, 1997, p. 27) merecem um espaço no universo acadêmico.

## **CAPÍTULO I: A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E A RECEPÇÃO DE TEXTOS**

### **1.1 Leitura: da palavra ao texto**

A leitura já foi concebida como um processo de aquisição da habilidade de ler em voz alta (dominar o componente grafofônico da língua – pronúncia, entonação, pausas, junturas) para alguém que não soubesse ou não fosse capaz de ler (BAJARD, 2001).

Na assim chamada concepção tradicional (ainda presente no ensino), a leitura é vista como um conjunto de habilidades específicas e sucessivas, que se iniciam com o processo de decodificação e se estendem até a identificação das idéias principais do texto. O leitor é, nesse processo, um transpositor: passa para sua memória o sentido (supostamente único) que ele “pesca” no texto e que estaria ali inscrito (GIASSON, 1993). Esse leitor receberia mais ou menos passivamente o sentido, sem observar o contexto de produção, variações lingüísticas ou de estilo, entre outros fatores textuais.

Em meados da década de 50, quando o comportamentalismo começava a ser contestado, a psicologia cognitiva assume papel de destaque nos estudos sobre os processos de aprendizagem, postulando que esta resultaria da interação entre o ambiente e algumas estruturas cognitivas pré-existentes no indivíduo. O leitor passivo passa a ser visto como um sujeito capaz de “predizer, confirmar, rejeitar e refinar o que lê, com base em seu conhecimento da estrutura lingüística (sua competência)”. Nessa concepção (psicolingüística), a relação sujeito-objeto mantém-se isolada, mas já se evidencia outra orientação no processo no ensino-aprendizagem (BRAGGIO, 1992).

É na década de 60 que as relações entre lingüistas (especialmente os sociolingüistas) e psicólogos se sedimentam, dando origem a postulados que vão culminar num primeiro modelo interacionista de leitura. Pouco mais tarde, passam a ser objeto de estudo as funções da linguagem, a competência comunicativa, a heterogeneidade da fala, o *status* dos interlocutores, entre outras variáveis. A construção do significado em leitura passa, então, a ser concebida, especialmente na década de 70, como produto da interação leitor-texto, e disso vai decorrer um modelo sociopsicolingüístico, em que o ponto de partida e o ponto de chegada do leitor são o contexto da linguagem, ao qual o leitor aplica seus esquemas mentais e suas estratégias cognitivas e metacognitivas (SILVA, 2004).

Com os avanços da Lingüística Textual, na década de 80, essas idéias vão merecer reflexões, e o texto, concebido como unidade significativa (e não mais um conjunto de frases), passa a ser o objeto de leitura. O contexto pragmático adquire, então, particular relevância, assim como o autor e o leitor (este, co-produtor de sentidos), estabelecendo-se os padrões de textualidade de Beaugrande & Dressler (1981) – intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade, coerência e coesão – bem como as macro e microestruturas, as macrorregras, os *frames*, os *scripts* (VAN DIJK, 1980), entre outros elementos envolvidos na produção-recepção de textos.

## 1.2 Os estudos em Lingüística Textual

A Lingüística Textual<sup>1</sup> pode ser definida como uma “corrente” da Lingüística que, procurando estender o objeto de análise “língua” para além do nível

---

<sup>1</sup>O termo foi empregado pela primeira vez em 1955, por Eugenio Coseriu – Lingüística del Texto – porém passou a ser usado com a acepção de “ramo” da Lingüística pelo alemão Harald Weinrich, em 1967.

das formas, estruturas e construções lingüísticas, tomou o texto<sup>2</sup> (produto da atividade lingüística) como objeto de estudo.

Na história de sua constituição teórica, são identificados três momentos distintos (não necessariamente cronológicos): o da análise transfrástica; o da construção das gramáticas textuais e o da construção das teorias de texto. (MARQUESI, 1996, p. 13).

No primeiro momento, surge um estudo que vai além da frase: deixa-se de estudar somente a frase, isolada de seu contexto, buscando-se identificar as relações que esta e os enunciados mantêm entre si, de modo a construir uma unidade de sentido. Constata-se que as teorias sintáticas e semânticas existentes (centradas no objeto “língua”) eram insuficientes para explicar os fenômenos lingüísticos existentes, como a pronominalização, a seleção de artigos, concordância verbal e outros.

O segundo momento tem por objetivo refletir e explicar os fenômenos lingüísticos que não tinham sido explicados pela gramática do enunciado. Extrapolase o nível dos enunciados e das relações entre eles, direcionando a abordagem para a legitimação da competência textual, que compreende, segundo Charolles (1989), a capacidade formativa, a capacidade transformativa e a capacidade qualificativa. Pela primeira, o falante é capaz de formular e entender um texto, seja este novo ou não para ele, bem como avaliar-lhe a formação. A segunda pressupõe a capacidade de transformar, por meio de paráfrase ou citação, um texto fornecido ao falante anteriormente. A terceira possibilita ao falante descrever diferentes tipos de texto, como, por exemplo, descritivo, narrativo, dissertativo, entre outros.

---

<sup>2</sup>São apontadas como linhas de pensamento precursoras da Lingüística Textual a Retórica, a Estilística e o Formalismo Russo.

Conforme Bentes (2001, p.251), os responsáveis pela elaboração e pelo desenvolvimento de gramáticas textuais foram Van Dijk, Rieser e Petöfi, cujas idéias assemelhavam-se, de certo modo, à proposta de Chomsky: propunham-se fazer da gramática de texto um sistema comum a todos os usuários da língua, permitindo-lhes identificar se uma seqüência lingüística é um texto e se este está bem elaborado, fazendo desse conjunto de regras pertencentes ao falante sua competência textual.

Extrapolando o nível do enunciado e das relações entre enunciados, as tarefas básicas de uma gramática textual seriam, em síntese, conforme Fávero & Koch (1994, p. 14):

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade (*Texthaftigkeit*);
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos.

Essas tarefas não foram, todavia, executadas com êxito, porque não se conseguiu construir um modelo teórico capaz de dar suporte aos fenômenos pesquisados.

Iniciou-se, então, o terceiro momento. Com o objetivo de elaborar as teorias de texto, procurou-se investigar o texto em uso, em seu contexto pragmático, sem descartar os outros critérios, como o sintático e o semântico, e sem abandonar a questão da competência textual. Segundo Beaugrande & Dressler (1981), ao

mover-se além dos limites da frase, incorpora-se uma liberdade de seleção ou variação e o falante torna-se menos conformado com as regras já estabelecidas. Os três momentos na passagem da teoria da frase à teoria do texto “revelam claramente que, em situação de produção e recepção de textos, não só fatores de ordem textual devem ser considerados, mas também os de ordem contextual, ou pragmáticos[...]” (MARQUESI, 1996, p.19).

Segundo Marcuschi (1983, p.12-13):

Em suma, a LT [Lingüística Textual] trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente lingüístico abordado no aspecto da coesão e , por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

No Brasil, ao final da década de 70, surgiram os primeiros trabalhos dedicados ao estudo lingüístico do texto<sup>3</sup>. Para isso, houve a colaboração expressiva da tradução de duas obras – em 1977, *Semiótica narrativa e textual*, de Chabrol e outros; em 1978, *Lingüística e teoria do texto* (SCHMIDT, 1978) – e também a publicação, em Portugal, em 1977, do livro *Pragmática lingüística e o ensino do português*, de Fonseca & Fonseca, no qual se defendia o aproveitamento dos princípios da Pragmática Lingüística no ensino de língua pátria e, como resultado, o imperativo de um enfoque textual, como já era comum em outros países da Europa.

Ao mesmo tempo, particularmente na UNICAMP, estavam em desenvolvimento os primeiros importantes estudos sobre o discurso e sobre Semântica Argumentativa, vários dos quais eram divulgados em livros, como os de

---

<sup>3</sup> As informações contidas neste item baseiam-se nos trabalhos de FAVERO & KOCH (1994).

Carlos Vogt, em 1977, e Haqira Osakabe, em 1979, ou em artigos de periódicos especializados. Nessa ocasião, foram divulgados os trabalhos de Eunice Pontes sobre as estruturas de tópico no português brasileiro, posteriormente recolhidas nas obras *Sujeito: da sintaxe ao discurso*, em 1986 e *O tópico no português do Brasil*, em 1987.

Nos anos 80, entretanto, ampliaram-se os estudos em Lingüística Textual. Após a publicação, na Revista *Letras de Hoje*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de um artigo pioneiro de Ignácio Antônio Neis (Por uma gramática textual, de 1981), surgiram os dois primeiros livros na área, em 1983: *Lingüística textual: Introdução* (FÁVERO & KOCH, 1994) e *Lingüística de texto: o que é e como se faz* (MARCUSCHI, 1983). Em 1984, quando da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, foi realizado um debate sobre lingüística do texto, com o tema "Coerência e coesão na teoria do texto", com a participação de Marcuschi, Neis e Koch. A partir de então, a lingüística textual veio a ocupar um espaço nos congressos e reuniões científicas.

Muitos periódicos publicaram artigos desenvolvidos segundo esse ponto de vista, aparecendo até números totalmente consagrados aos estudos textuais. Em publicações de congressos e seminários também se ampliou o número de trabalhos desenvolvidos nesse campo.

Na primeira metade da década de oitenta, publicaram-se no Brasil obras introdutórias, que se propunham delinear uma visão global do que existia, concernente ao tema, em outros países. Também visavam apresentar ao leitor brasileiro esse ramo da ciência lingüística, seus objetivos, pressupostos e categorias de análise.

Em seguida, foram evidenciados os critérios ou padrões de textualidade sugeridos por Beaugrande & Dressler (1981), sobretudo a coesão textual, esta enfocada, geralmente, do ponto de vista de Halliday & Hasan (1976). Outros estudos, também inspirados nas pesquisas desenvolvidas pela escola funcionalista de Praga, trouxeram para a discussão questões relativas à progressão temática dos textos, à coerência textual, à intertextualidade, à tipologia de textos, à produção/compreensão/sumarização de textos, aos mecanismos de conexão (conectores semânticos e pragmático/discursivos), bem como a outros processos lingüísticos, agora vistos segundo a ótica textual: topicalização, referenciação, nominalização, tempos verbais; emprego do artigo e outros (KOCH, 2002).

Em 1985, foi divulgada a obra *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas* (BASTOS, 1985). Nesse momento, revistas especializadas e relatórios de congressos propalam artigos e comunicações sobre os múltiplos critérios ou fatores de textualidade, com ênfase para a coesão, a coerência, a intertextualidade, a informatividade, a situacionalidade, a argumentatividade, assim como a propósito do emprego dos tempos verbais e as tipologias textuais.

Uma parte considerável dos trabalhos dessa primeira fase foi baseada em Halliday & Hasan (1976), quanto à coesão, e em Beaugrande & Dressler (1981), no que se refere aos fatores de textualidade. Alguns pesquisadores brasileiros, como Marcuschi, Koch e Fávero) demandam, no entanto, que se deixe de considerar a coerência apenas como um fator, entre os demais, para entendê-la como um macrofator da textualidade, decorrente da atuação conjugada de todos os demais fatores e, desse modo, determinante para a diferenciação da textualidade. Ademais, passam a proceder a uma revisão crítica de tais critérios, acrescentando outros.

É de Van Dijk o conceito de superestrutura, aplicado à descrição de diversos tipos de textos, que teve grande aceitação no Brasil, dando ensejo a trabalhos estimulantes. Isso também incidiu sobre o conceito de macroestrutura e a descrição das estratégias de sumarização, que foram aplicadas não apenas em uma linha de trabalhos a propósito de compreensão e produção de textos e sobre a produção de resumos, publicados em livros e revistas especializadas, mas também em várias teses e dissertações norteadas pelos pesquisadores que atuam na área da Lingüística Textual.

Em 1989, surgiram, no Brasil, as obras *A coesão textual* (KOCH) e *Texto e coerência* (KOCH & TRAVAGLIA). Em 1990, *A coerência textual* (KOCH & TRAVAGLIA), dando início a uma segunda fase dos estudos textuais em nosso país.

Além disso, merecem destaque os estudos de E. Gülich, vários deles em co-autoria com T. Kotschi (GÜLICH & KOTSCHI, 1987), que influenciaram algumas das pesquisas desse período, particularmente as que dizem respeito à formulação textual.

Em várias universidades brasileiras, foram-se constituindo núcleos de pesquisa sobre texto. A pesquisa na área se ampliaria em cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, ministrados em diferentes paragens brasileiras, e no surgimento de dissertações e teses.

As pesquisas sobre texto realizadas no Brasil inspiram-se fortemente em estudos realizados na Alemanha (Weinrich, Dressler, Beaugrande & Dressler, Gülich & Kotschi, Heinemann & Viehweger, Motsch & Pasch, entre outros); na Holanda (Van Dijk); na França (Charolles, Combettes, Adam, Vigner, Coste, Moirand etc.), na Inglaterra (particularmente por Halliday e Halliday & Hasan) e nos EUA, tanto por lingüistas (Chafe, Givón, Prince, Thompson, Webber, Brown & Yule), como por

psicólogos e pesquisadores em Inteligência Artificial (Clark & Clark, Minsky, Johnson-Laird, Sanford & Garrod, Rumelhart, Schank & Abelson, Marslen-Wilson e outros). A esses se podem acrescentar aqueles realizados no interior do funcionalismo praguense (Daneš, Firbas, etc.) e, na década de 90, as pesquisas sobre anáfora e referência que se vêm efetivando na França e na Suíça. (KOCH, 1999).

No início da década de 90, passou a ser adotada uma perspectiva sócio-interacional no tratamento da linguagem, particularmente com João Wanderley Geraldi, Luiz Carlos Marcuschi e Ingedore G. V. Koch (cf. GERALDI, 1991; MARCUSCHI, 1994; KOCH, 1994), contribuindo para o estudo dos processos e estratégias sócio-cognitivos abarcados no processamento textual, tanto no que diz respeito à compreensão, quanto no que concerne à produção. Marcuschi (1983; 1994) já havia desenvolvido um projeto sobre a produção de inferências, cujos resultados foram parcialmente divulgados por meio de artigos. Koch (1994), em sua pesquisa intitulada “A construção da coerência em textos escritos e orais”, também investigou o tema, de que tratou no artigo “A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido”.

Essa aproximação dos fenômenos textuais levou a Lingüística a um contato com outras Ciências Humanas, como a Psicologia Cognitiva, a Inteligência Artificial, a Neuropsicologia, a Antropologia, a Sociologia Interacional e as Ciências Cognitivas de modo geral.

Os basilares objetos de pesquisa viriam a ser a estrutura e o funcionamento da memória, assim como as formas de representação dos conhecimentos, sua abordagem, utilização, recuperação e atualização, por ocasião do processamento de textos; as principais estratégias de ordem sócio-cognitiva,

interacional e textual, colocadas em ação durante o processo de produção/intelecção; e, ainda, as estratégias de “balanceamento” do implícito/explicito.

As fontes dessas pesquisas foram as obras de autores como Schwarz (1992), Rickheit & Strohner (1985), Heinemann & Viehweger (1991), Van Dijk (1989), Vignaux (1991) e outros.

Com fulcro em obras como as de Adam (1990, 1992), bem como naquelas que se consagram ao estudo dos gêneros textuais, foi recobrado o tema da tipologia textual, que pareceu relegada a segundo plano em algumas ocasiões, merecendo destaque as pesquisas de Marcuschi a respeito de tipologias do texto.

Nas últimas décadas, têm sido aplicados conceitos básicos da Lingüística Textual à alfabetização, à aquisição da escrita e ao ensino de língua, materna ou estrangeira, de modo geral. Entre eles, podem-se mencionar Massini-Cagliari (1997); Koch (1994); Milanez (1993); Marcuschi (1993, 1997).

Evidencia-se, ainda, o estudo de textos falados, por intermédio dos projetos: NURC, Censo/Peul e PGPF; o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), visando a pesquisar a norma objetiva do português culto falado no Brasil; o Projeto Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro, que se desenvolveu também na década de 80 e teve continuidade no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL - UFRJ/CNPq), caracterizado por uma abordagem sociolingüística, que busca uma interconexão com o discurso, e o Projeto Gramática do Português Falado (PGPF), idealizado e coordenado por Ataliba Teixeira de Castilho, com o objetivo de produzir coletivamente uma gramática de referência do português culto falado no Brasil, com base nos dados do Projeto NURC.

Adentrando o âmbito das correntes do texto e refletindo sobre o estado atual da Lingüística de Texto, Koch (1994, p.1-3) ressalta algumas vertentes existentes, entre as quais se destacam (considerando o objetivo desta pesquisa) a de Beaugrande & Dressler – centrada no estudo dos padrões de textualidade, adotando entre outros pressupostos, o da semântica procedural.” – e a de Van Dijk – voltada para o estudo das macro e superestruturas textuais, para a produção de resumos e, particularmente, para a tipologia de textos.

Importa considerar que, mais recentemente, o discurso (e não mais o texto) é que se tem tornado alvo de investigações. Entendido como processo, o discurso deve ser indagado sobre suas condições de produção, a partir do pressuposto de que é determinado pelo tecido histórico-social e ideológico que o constitui. O ato de ler, à luz dos postulados dessa nova corrente, assume distintas e pertinentes configurações, que serão apenas tangenciadas nesta pesquisa.

### **1.3 A textualidade**

Koch (1996, p.22) afirma que:

“ todo texto tem, como característica fundamental, a textualidade ou tessitura, “rede de relações que fazem com que um texto seja um texto (e não uma simples somatória de frases), revelando uma conexão entre as intenções, as idéias e as unidades lingüísticas que o compõem, por meio de encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação”.

Para Schmidt (1978, p. 164), a textualidade corresponde a “uma estrutura necessária em tudo o que se queira expressar comunicativamente e em todos os sistemas de comunicação verificados”. Em outros termos, é o modo de manifestação social universal, válido para qualquer língua e necessário para a efetivação de qualquer tipo de comunicação. Do ponto de vista do sistema de atuação social

chamado “comunicação”, a textualidade funciona como forma normativa de manifestação e realização da atuação sociocomunicativa mediante a linguagem no sentido mais amplo.

Segundo os pressupostos teóricos de Beaugrande & Dressler (1981), a textualidade constrói-se graças a sete fatores ou padrões: a coesão e a coerência, relacionadas com material conceitual e lingüístico do texto; a intertextualidade, a informatividade, a intencionalidade, a situacionalidade e a aceitabilidade, que correspondem aos fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

A **coesão** é o responsável por articular a superfície textual, ou seja, um conjunto de elementos semânticos e léxicos que se relacionam entre si numa seqüência linear, cuja interpretação só ocorre quando esses elementos pressupõem-se uns aos outros. Para Beaugrande & Dressler (1981), a **coesão** concerne ao modo como os componentes da superfície textual (palavras e frases que compõem um texto) encontram-se conectadas entre si numa seqüência linear, por meio de dependências de ordem gramatical. Os principais fatores de coesão são a pronominalização, a elipse, a substituição lexical, a articulação, a justaposição.

A **coerência** é o princípio da compreensão e interpretação do texto, ou seja, as relações que subjazem à superfície do texto, tanto externas quanto internas, atribuindo-lhe o sentido. Para Beaugrande & Dressler (1981), diz respeito ao modo como os componentes textuais, ou seja, “os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos”. Dessa forma, “a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender” (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 13).

Koch & Travaglia (1990) ainda asseguram que a coerência está relacionada com a adequada formação do texto quanto à interlocução estabelecida na interação entre dois usuários em uma situação comunicativa. A coerência seria, então, a possibilidade de se estabelecer uma forma de relação ou unidade no texto, que se apresentaria como uma unidade de sentido, o que caracterizaria a coerência como global, atinente ao texto como um todo.

Observando que não é viável alcançar o sentido de um texto exclusivamente com base nas palavras que o compõem e na sua estruturação sintática, Koch & Travaglia (1990, p. 59) asseveram que elementos lingüísticos são fundamentais para a constituição da coerência, uma vez que “servem como pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados na memória, constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências, ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto, etc.”.

A **informatividade** associa-se ao conteúdo do texto, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Aconselha-se apresentar ao leitor/ouvinte informações novas (sem descartar as informações já conhecidas pelo leitor), porque, quanto mais o texto for previsível, menos informativo ele se tornará. Da mesma forma, quanto menor for a previsibilidade, maior o teor informativo. É também possível o fato de toda a informação do texto ser imprevisível ou inesperada, o que poderá, a princípio, deixar o texto com a aparência de incoerente. (KOCH & TRAVAGLIA, 1990).

A **situacionalidade** remete à situação de recepção do texto, que está relacionada ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação. Segundo Bastos (1985), a coerência se estabelece pelo nível de inserção do texto numa determinada situação de comunicação. No parecer de Koch & Travaglia (1990), se a condição de situacionalidade não ocorre, o texto

tende a parecer incoerente, porque o cálculo de seu sentido se torna difícil ou impossível. Para Koch & Travaglia (1990), a ausência do fator situacionalidade fez que muitos autores considerassem alguns textos incoerentes, propondo, assim, embasados nessa ausência, uma gramática de texto que incorporasse algo semelhante à gramaticalidade/agramaticalidade das frases para os textos.

A **intertextualidade** concerne aos fatores que fazem a produção de um texto depender do conhecimento de outros, seja por paráfrase, paródia, alusão, citação ou qualquer outra forma que o remeta explícita ou implicitamente a outros textos. Nesta acepção, conforme afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 288), o termo “intertextualidade” designa “[...] o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos*”.

Importa destacar que o conceito de intertextualidade também abrange o de interdiscursividade, à medida que, em Análise do Discurso, consiste em uma propriedade constitutiva de qualquer texto (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 288)

Assim, a dimensão textual manifesta-se no domínio da influência e permeação de vários textos, o que conduziu Bakhtin (1997) a chamar de dialógica a relação entre enunciados ou enunciações integrais ou partes deles, entre “estilos” de linguagem ou dialetos sociais (desde que concebidos como uma espécie de “visão da linguagem”), entre fenômenos conscientizados e expressos em matéria sógnica. Com base nesse princípio dialógico, Kristeva (1974, p. 64) introduziu o conceito de intertextualidade – “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação dum outro texto” –, posteriormente ampliado e sobejamente estudado em diferentes áreas dos estudos da linguagem.

Acrescente-se, aqui, a contribuição de Gerard Genette (1982), que construiu uma tipologia de relações “transtextuais”: a intertextualidade (presença de um texto em outro, por alusão ou citação); a paratextualidade (os títulos, ilustrações, prefácios e outros elementos “periféricos”); a metatextualidade (relação de comentário de um texto por outro, como ocorre na paráfrase); arquitextualidade (relação entre um texto e a classe, gênero ou espécie a que pertence); hipertextualidade (relação segundo a qual um texto A, preexistente, ou hipotexto, dá origem a um texto B, o hipertexto, como ocorre na paródia, no pastiche ou, em certos casos, na paráfrase).

No interior da hipertextualidade, duas estratégias distintas de “reinvestimento” (no caso da paródia) merecem relevo nesta pesquisa: a captação e a subversão (MAINGUENEAU, 2001, p. 169). Pela primeira, transfere-se “para o discurso reinvestidor a autoridade relacionada ao texto ou ao gênero fonte” (imitação); pela segunda, “a imitação permite desqualificar a autoridade do texto ou do gênero fonte”, produzindo-se a “paródia depreciadora”. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 94).

A **aceitabilidade**, por sua vez, está fortemente vinculada aos outros padrões: um texto será aceitável se fornecer padrões de coesão, coerência, informação, se for adequado à situação comunicativa e se conseguir alcançar o objetivo que se propôs. Esse fator constitui o contraponto da intencionalidade, pois diz respeito à atitude de aceitação dos ouvintes/leitores diante de um texto. Costa Val (1991, p. 11) afirma que a aceitabilidade é “o outro lado da moeda”, uma vez que “concerne à expectativa do recebedor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor”.

A **intencionalidade** corresponde ao aspecto global do texto: quando se menciona esse fator, pensa-se nos objetivos que o produtor pretende alcançar, que podem ser explícitos ou não, levando o interlocutor a agir de certo modo, a comportar-se de uma determinada maneira, a compartilhar idéias, enfim, fazer que o leitor reflita sobre o que lê. Refere-se, pois, ao modo como os locutores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por essa razão que o produtor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao ouvinte/leitor que lhe permitam construir o sentido desejado.

Ainda segundo Koch & Travaglia (1990, p. 80), “a intencionalidade tem relação estreita com o que se chama de argumentatividade”. Com base no ideal de que não existem textos neutros, propõe-se que todo texto tenha uma intenção ou objetivo da parte de quem o produz. Em Costa Val (1991, p. 11), a meta da intencionalidade “pode ser informar, ou impressionar, alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc”.

Para os lingüistas do texto, a leitura é um processo de construção de significados que exige a integração da informação contida no texto aos conhecimentos prévios do leitor, seja quanto à macroestrutura (tipologia, organização), seja quanto aos conhecimentos que o leitor processou, elaborou, organizou segundo suas experiências e vivências. Assim, o processo de recepção de textos resulta da contribuição do leitor ao interagir com o texto, da experiência do autor ao produzi-lo e da relação intertextual, produzindo, pois, uma rede de fatores triangular: o texto, os agentes de interação e o contexto.

Koch (2002) apresenta um rol de estratégias de processamento textual, a saber: cognitivas (consistem na execução de algum "cálculo mental" por parte dos

interlocutores); sócio-interacionais (visam a fazer que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso da interação); textuais: de organização da informação (dizem respeito à distribuição do material lingüístico na superfície textual); de formulação (têm funções de ordem cognitivo-interacional); de referenciação (a reativação de referentes no texto é realizada por meio de estratégias de referenciação anafórica); de "balanceamento" (do explícito/implícito - relações entre informações textualmente expressas e conhecimentos prévios, pressupostos como partilhados).

Por seu lado, Van Dijk procura demonstrar que a análise de um texto é redutível a uma análise frasal, pois o falante de uma língua conhece as regras subjacentes às relações interfrásticas (anáforas, tempos verbais, definitivização, tópico, comentário, pressuposição), sem as quais não poderia produzir enunciados coerentes. Para ele, "já que o falante pode produzir/interpretar um número infinito de discursos diferentes, sua competência é necessariamente textual". (VAN DIJK, 1977, p.208), o que ratifica nossa opção pelas frases-textos como objeto de análise.

As macroestruturas, na voz de Van Dijk, são a reconstrução teórica de noções como 'tema' ou 'assunto' do discurso (VAN DIJK, 1989, p.43). Elas são responsáveis pela coerência global de um discurso, enquanto as microestruturas cuidam da coerência e coesão locais de um discurso.

Proposições de um discurso são formadas por essas macroestruturas e microestruturas e, para que sejam devidamente compreendidas, armazenadas, e reutilizadas, são atingidas pelas macrorregras de supressão, seleção, generalização e construção.

- 1) supressão: eliminação das informações irrelevantes;

- 2) seleção: exclusão das proposições que representem condições, partes ou conseqüências óbvias de outras proposições na seqüência.
- 3) generalização: substituição de conceitos que contenham traços específicos por um “super-conceito” (hiperônimo).
- 4) construção: produzir, com base em proposições implícitas ou explícitas no texto, uma proposição que integre o tema.

A aplicação dessas regras pressupõe o fato de que os conceitos não estão isolados em nosso espírito, mas ligados entre si e com outros, permitindo-nos a configuração dos diferentes domínios da realidade. Nesses casos, fala-se de *frames* (esquemas) e de *scripts* (cenas). Os *frames* constituem-se como modelos globais que contêm o conhecimento do senso comum sobre um conceito. Os *scripts*, por sua vez, correspondem a “planos de ação” ou a uma seqüência de atividades que prevemos acontecer no transcorrer de determinadas situações, com pessoas típicas, desempenhando papéis também típicos.

Por exemplo: com base nos modelos cognitivos que, armazenados na memória, permitem ao leitor/ouvinte reconhecer o tipo de texto, pode-se classificar uma produção textual iniciada por “Era uma vez uma bruxa, que tinha uma poção [...]” como uma narrativa. As formas lingüísticas “bruxa” e “poção”, por sua vez, designam componentes de uma espécie de narrativa amplamente conhecida – o conto de fadas –, em que as bruxas são más. O leitor prevê que a poção será lançada sobre algo ou alguém e produzirá efeitos negativos. A esse conjunto de conhecimentos armazenados se denomina *frame*. Se ocorre algo diferente do previsto, o texto fugirá ao *script*, dificultando o processamento de inferências, pois

atinge o conhecimento de mundo do leitor, as regras sócio-culturais, as relações entre o dado e o novo (conhecimento partilhado).

Aos diferentes tipos de discurso, Van Dijk denomina superestruturas, conceito vinculado ao de *frame*. Elas podem caracterizar-se intuitivamente como formas globais, que definem a ordenação global dos discursos e as relações (hierárquicas) de seus respectivos fragmentos.

Em textos muito curtos, como é o caso das frases de camiseta, objeto do nosso estudo, há a dificuldade de aplicar as macrorregras a que se referiu Van Dijk, porque tudo no texto é importante; nesse caso, a microestrutura e a macroestrutura são idênticas, e a superestrutura esquemática não rege fragmentos maiores do texto, apesar de possivelmente afetar suas orações.

Van Dijk considera, ainda, o papel da dimensão cognitiva. Na memória, ficam armazenadas as mais diversas informações, sejam elas advindas de discursos ou de experiências. Essa memória pode ser dividida em memória de curto prazo (MCP) e memória de longo prazo (MLP).

#### A primeira

[...] é necessária para a manipulação de informação que requer pouco tempo para ser processada, por exemplo, quando queremos compreender sons, palavras, frases e orações (...) Uma das características da MCP é que sua capacidade é limitada: quando está 'cheia', é necessário que se esvazie, pelo menos parcialmente, antes de poder receber nova informação." (VAN DIJK, 1989, p.78)

Já a informação que requer mais tempo se armazenará na Memória de Largo Prazo (MLP) depois de ter passado pela MCP. Assim, uma estrutura que se repete em vários discursos diferentes, passa pela MCP mais rapidamente e é assimilada pela MLP, facilitando a compreensão. Segundo Van Dijk (1989, p.77 e ss.), "Os usuários de uma língua aplicarão estratégias facilmente acessíveis no

processo de ‘decodificação’ durante o qual os sinais ‘traduzem’ a representação cognitiva de orações.”

O usuário da língua transforma as informações de superfície em informações semânticas, a serem armazenadas, particularmente, na MLP. Essa informação semântica será necessária em processos posteriores de compreensão e de produção, pois:

Essa informação semântica é conceitual. Quer dizer, o usuário de uma língua construirá uma estrutura conceitual mediante o uso de elementos tomados da memória (conhecimento da língua e do mundo, armazenados na MLP, que por tanto se chama também nossa memória semântica ou conceitual) para cada significado e referência. (VAN DIJK, 1989, p.80)”

Após a interpretação de frases, ocorrida durante todo o processo explanado acima, é formada uma informação proposicional. Essas proposições podem ser organizadas em “fatos cognitivos”, que correspondem a “uma representação cognitiva do que interpretamos...” (VAN DIJK, 1989, p.81). Um receptor só poderá entender um discurso quando se lhe assegurar a necessária coerência. Terá que estabelecer as relações condicionais entre proposições ou fatos, identificar os referentes idênticos aos que se relacionam de outra maneira, além de decidir se os predicados que definem as propriedades e as relações correspondem aos participantes das proposições ou fatos subseqüentes.

Para a formação da MLP, as proposições são organizadas em fatos, que estão conectados por relações condicionais. Toda a estrutura de um fato está dominada por uma macroestrutura já hierarquicamente organizada, esta advinda de uma superestrutura.

O mais importante de todo esse processo de aquisição dos fatos ou proposições é que não é só nosso conhecimento o que determina a classe de informação que selecionamos, acentuamos, ignoramos, transformamos, etc.”, mas

também “nossos desejos, necessidades e preferências, assim como nossos valores e normas” (VAN DIJK, 1989, p.87).

Seria então, pelas nossas vontades que faríamos determinada leitura e entendimento de um texto. Nós adquirimos aquilo que queremos e, para compreender novos discursos e situações, é exatamente a essas proposições armazenadas na MLP que vamos recorrer. Não basta, todavia, recorrer aos fatos para compreender os discursos e situações; é necessário recuperá-los para a formação do nosso próprio discurso, seja por recordação, seja por reconhecimento.

Durante o processo de recordação, a tarefa do usuário da língua é recuperar informação de MLP de uma maneira ativa. Já na tarefa de reconhecimento, a busca é facilitada pelas pistas semânticas, quer dizer, por uma representação da unidade que se quer encontrar. Os processos de recordação não são só reprodutivos, mas também construtivos: um usuário de uma língua não só “copiará” a informação que se encontra na memória (alterada ou não pelas transformações mencionadas antes), mas também tratará de derivar informação da informação que realmente encontra.

A macrorregra de construção permite que se recupere a informação sobre detalhes por meio da informação das marcas (VAN DIJK, 1989, p.89). Assim, as macrorregas podem ser aplicadas inversamente para a (re)construção de um discurso. Para o autor, “[...] a compreensão, o armazenamento e a recuperação nunca são ‘puros’” (VAN DIJK, 1989, p. 91). Sempre o estado cognitivo ou a situação comunicativa irão interferir.

#### **1.4 O conceito de texto**

Em sentido amplo, o termo “texto” é atribuído a qualquer tipo de comunicação, quer use os sistemas de signos orais e escritos, quer os não verbais;

em sentido estrito, corresponde a comunicação falada ou escrita atribuindo-lhe um significado, formando assim um conjunto com elementos que serão responsáveis pela organização das idéias (FÁVERO e KOCH, 1994). Em suma, “texto” corresponderá a toda manifestação de linguagem que seja pertinente no momento em que ocorre o ato de comunicação, levando-se em conta a situação de contexto.

Pignatari (1991) explica: “ embora a palavra texto tenha como referente 'conjunto verbal', podemos estendê-la aos signos em geral, definindo texto como um processo de signos que tendem a iludir seus referentes, tornando-se referentes de si mesmos e criando um campo referencial próprio”.

Nessa acepção podemos entender a “leitura do mundo” de que fala Paulo Freire. É preciso ler o mundo, compreender as diversas manifestações das muitas linguagens com as quais temos contato o tempo todo.

Schmidt (1978, p.165), ancorado na obra de Lang, considera que o conceito lingüístico de texto deveria ser suficientemente específico “para possibilitar que uma gramática nele fundamentada viesse explicar como ‘texto’ a ratificação empírica das avaliações e propriedades intuitivas do produtos lingüísticos nele baseados”.

Na concepção de Fávero & Koch (1994, p. 18), inspirada, segundo as autoras, nas contribuições de Stammerjohann, o termo texto corresponde ao conceito central da Lingüística Textual e da Teoria de Texto e abrange tanto textos orais quanto escritos, que devem ter “como extensão mínima dois signos lingüísticos, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como ‘Socorro!’, sendo sua extensão máxima indeterminada” .

Halliday (1973 apud KOCH, 1996, p.22), por sua vez, define o texto como “realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de

uma mensagem completa e válida num contexto dado. Assim, o texto é uma unidade de língua em uso, unidade semântica: não de forma e sim de significado”.

Segundo Kintsch & Van Dijk (1975, p. 100): “Chamar-se-á texto a estrutura formal, gramatical de um discurso, ao que ele opõe a base de texto: a estrutura semântica subjacente ao texto”.

Marcuschi (1983, p. 8), ao referir-se ao enfoque dado por Van Dijk, ressalta que “o texto é uma estrutura superficial governada por uma estrutura semântica profunda motivada, ou seja, um conjunto de sentenças da estrutura profunda”.

Marquesi (1996, p. 24), citando Van Dijk, afirma que as relações textuais deveriam ser descritas com base no modelo das relações lógico-semânticas estabelecidas na estrutura profunda do texto. São essas estruturas que possibilitam a coerência e que permitem que se consiga resumir, memorizar e escrever diferentes textos para o mesmo conteúdo. O texto se torna a unidade lingüística por excelência, pois “é por textos e não por sentenças que nos comunicamos”.

Travaglia (1997, p. 67) afirma que o texto consiste em

uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

Beaugrande & Dressler (1981) definem “texto” como “*a COMMUNICATIVE OCCURRENCE which meets seven standards of TEXTUALITY. If any of these standards is not considered to have been satisfied, the text will not be communicative. Hence, non-communicative texts are treated as non-texts*”.

Schmidt (1978, p. 170), por sua vez, concebe o texto como todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um

jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável, isto é, realizando um potencial ilocutório determinado. É somente à medida que o locutor realiza intencionalmente uma função ilocutória (sociocomunicativa) identificável por parte dos parceiros envolvidos na comunicação, que o conjunto de enunciados lingüísticos vem constituir um processo textual coerente, de funcionamento sociocomunicativo eficaz e normalizado conforme as regras constitutivas (=uma manifestação da textualidade).

No caso em que são vários os conjuntos de enunciados, realizando atos ilocutórios distintos tais que a sua associação hierárquica dê origem a um sistema coerente, é ao conjunto global dos enunciados realizado pela hierarquia ilocutória que se aplica o termo “texto”. Os diversos conjuntos de enunciados que realizam os atos ilocutórios distintos (mas integrados) chamar-se-ão intertextos. Observe-se que os textos existem em dependência dos locutores. Isto significa que, mesmo quando o conjunto de enunciados é entremeado por enunciados proferidos por outros parceiros, uma vez que são concebidos pelos locutores como pertinentes a um ato ilocutório, tratar-se-á de um texto único. (SCHMIDT, 1978, p. 170)

Pode-se observar que o conceito de texto remete, necessariamente, ao de enunciado e este, ao de enunciação.

De acordo com Koch (2002, p. 24), “todo enunciado diz algo, mas o diz de um certo modo. Ao dizer, o enunciado representa um estado de coisas do mundo”. Greimas e Courtés (1979, p. 123), por seu turno, afirmam que o enunciado deve ser concebido como o “estado que dela [da enunciação] resulta, independentemente de suas dimensões sintagmáticas”.

A referência a enunciado, segundo os filósofos analíticos de Oxford (Austin, Searle, Strawson), parte do fato de que

toda manifestação lingüística constitui um *ato* de linguagem, isto é, realiza uma ação (“todo dizer é uma fazer”). Assim, os enunciados são dotados, além do *conteúdo proposicional* (representação lingüística de um estado de coisas por meio de um ato de referência e um ato de predicação), de uma *força ilocucionária*, que indica o tipo de ação que, por meio deles, se pretende realizar. (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 17)

Já a enunciação corresponde ao “evento constituído pela produção de um enunciado, isto é, pela realização de uma frase” (KOCH, 1996, p. 64). Assim, “a enunciação faz-se presente no enunciado através de uma série de marcas” e é “por meio delas – marcas lingüísticas que são – que se poderá chegar à macrossintaxe do discurso, o que constitui o objetivo da Semântica Argumentativa” (KOCH, 1996, p.25).

A análise dessas concepções permite-nos tecer o conceito de texto utilizado nesta pesquisa. Visto como um conjunto de atos lingüísticos, o texto, resultado da manifestação verbal de um produtor-autor – cuja posição de enunciador diante dos fatos mencionados é determinada pelos atos lingüísticos que realizou –, é intencional e compõe-se de elementos gramaticais pragmaticamente selecionados (conforme as circunstâncias em que esse falante se situa e o tipo de ouvinte a quem destina seus enunciados) e sintático-semanticamente organizados (conforme a competência textual desse produtor e as exigências de seu leitor-ouvinte) em enunciados (constituídos de textos de um ou mais enunciadorees) que compõem as mensagens explícitas ou implícitas transmitidas.

Assim, o texto é um instrumento-objeto que o produtor apresenta ao leitor-ouvinte como uma materialidade a ser decifrada, compreendida e interpretada (ou posta em prática), em cujo interior o leitor encontrará uma unidade de sentido,

resultante de um conjunto de enunciados que, além do que é visível, indiciam os valores éticos, as “posições” sociais, políticas e ideológicas dos outros textos que constituem essa materialidade. O produtor condiciona-se a determinados padrões concretos de organização (de que nascem as diferentes tipologias e gêneros) e a regras para o estabelecimento de relações estruturais. É disso que resulta a “composição”, o texto.

O discurso, por sua vez (já que insistem em separar os dois conceitos), seria o espaço extratextual em torno do qual gravitam as marcas do eu ideológico, do eu social, do eu cultural, que permitem ao leitor-ouvinte identificar o dizer do produtor (por que ele diz assim), descobrir-lhe a posição político-ideológica, sócio-econômica, enfim: o que está fora do texto-produto. Em outras palavras, quem são os adjuvantes e oponentes que permitem a esse produtor dizer o que diz (e do modo como diz); que verdades, que valores, que filosofias, que vozes circundam o processo de produção e que constituem o sujeito do dizer (e o seu dizer). (ORLANDI, 2003, p.31).

Diante do exposto, importa considerar que a proposta de abordagem deste trabalho prevê análises em três níveis. O primeiro comporta a estrutura formal dos textos-objeto, envolvendo os planos da expressão e conteúdo; o segundo refere-se à questão enunciativa; o terceiro atinge o discurso. Ora, se não se pode separar o significante do significado – porque o signo é uma dupla lateralidade –, como separar o dizer do dito, a enunciação do enunciado, as condições de produção do produto, o produto do processo?

### **1.5 Enunciado e Enunciação**

O conceito de enunciação não é – assim como não o são os de texto e discurso – ponto pacífico entre os estudiosos da linguagem, o que originou a existência de diferentes posições teóricas, geralmente divergentes no que concerne ao modo como concebem o sujeito e vêem a história.

A definição mais conhecida de “enunciação” parece ser a de Benveniste (1989, p. 82): a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Assim, o locutor apropria-se da língua e “enuncia sua posição de locutor” (BENVENISTE, 1989, p. 82), porque a põe em funcionamento e, ao fazê-lo, cria uma relação de intersubjetividade, porque o faz em relação a um outro que se constrói como sujeito.

O conceito de Benveniste implica, inegavelmente, uma constituição lingüística do sujeito – e não pragmática –: dizer “eu” é, para o autor, apropriar-se da língua, enunciar (GUIMARÃES, 1995, p. 4), centralizar; o “tu” será apenas um espectador para que o “eu” possa representar seu papel (ORLANDI, 1996, p. 99). E isso – sabemos – não representa fielmente o processo de enunciação. E os enunciados, conforme destaca Guimarães (1989, p. 76), para se constituírem como tais, “[...] como linguagem, como discurso, constituem os signos, suas relações e suas condições de funcionamento, ou seja, os enunciados constituem a língua”.

Ducrot (1987, p. 168), por sua vez, definiu enunciação como “o produto da atividade do sujeito falante”, concebendo a enunciação como ação lingüística. Sua concepção vai aproximar-se da pragmática, pois admitirá que a significação relaciona-se com as condições (históricas) de sua existência, com o momento em que o enunciado é produzido. Ao trazer para a Lingüística o conceito bakhtiniano de polifonia, passará a ver a enunciação como “acontecimento histórico constituído pelo aparecimento de um enunciado”.

Para Ducrot (op. cit.), a polifonia do locutor manifesta-se no discurso relatado, nas citações, nas referências e no argumento de autoridade, ao passo que a do enunciador (que pode não se servir de textos efetivamente produzidos) abrange os fenômenos discursivos da pressuposição, a negação, a ironia, o discurso indireto-livre, o aspeamento e a argumentação por autoridade polifônica. Trata-se, portanto, de um fenômeno de língua e, como tal, interessa ao nosso trabalho, posto que este considera a materialidade lingüística.

Também interessa a esta pesquisa a polifonia como fenômeno de fala, concreto, uma vez que todo enunciado, todo texto, é produzido por um determinado agente social, inscrito numa dada circunstância histórica e porta-voz de um projeto ideológico e de classe. Ademais, todo discurso remete a um discurso anterior, construindo uma memória intra e intertextual – a memória discursiva a que se referiu Pêcheux (1990) –. No caso do nosso objeto de análise, por retomar constantemente o já-dito (embora crie também sua própria tradição), tem uma relação privilegiada com a memória, que, em sua relação com o discurso, deve ser entendida como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído” (ORLANDI, 2003, p. 34). Além disso, todo dizer remete a um não-dito, que envolve as noções de interdiscurso, ideologia e formação discursiva.

Com base nos princípios teóricos expostos, a concepção de discurso passa a ser redimensionada, enfatizando as relações lingüísticas, históricas e ideológicas nele existentes. São os fatos discursivos que nos permitem compreender a produção de sentidos.

Definindo o discurso como um conjunto de enunciados que remetem a uma mesma formação discursiva, Foucault (1973) contrapõe o enunciado à noção de frase gramatical e proposição, identificando-o como um elemento básico da

constituição do discurso, destacando também algumas características constitutivas do enunciado: a relação com o “referencial”, isto é, com os objetos existentes, coexistentes ou transformadores num dado espaço discursivo; a relação do enunciado com o sujeito; a existência de um “campo adjacente” ou “espaço colateral” que integra o enunciado num “jogo enunciativo”, pois assegura que não existe enunciado livre, independente; a materialidade do enunciado (instável), em oposição à enunciação (singular e única).

Assim, o discurso enquanto prática é caracterizado pelas formações discursivas determinadas por um sistema complexo de regras, denominadas de “regras de formação”, que distinguem, na composição do discurso, a enunciação e o enunciado.

Os enunciados contidos nos textos aqui analisados são acontecimentos (FOUCAULT, 1999) vinculados a certas condições históricas e sociais: o aparecimento das camisetas e seu modo de existência social (usadas em larga escala por pessoas de distintas camadas sociais) são condições para o “acontecimento enunciativo” que produziu os 30 enunciados analisados e outros a eles relacionados. Interpretá-los pressupõe uma tomada de posição, situando-se, pois, no campo da exterioridade constitutiva da linguagem: as diferenças de sentido dependem do funcionamento parafrástico e polissêmico da linguagem.

Posto isso, apresentam-se ao pesquisador – que se situa na condição de analista – algumas indagações: qual será a interpretação desses textos contida no imaginário dos brasileiros? Que “diferenças de interpretação” há entre a visão do analista e a do leitor comum? Essas questões remetem à concepção dialógica de linguagem desenvolvida por Bakhtin, que prevê a “presença do outro” e que considera a interação verbal como o fundamento do enunciado.

Para Bakhtin (1981, p. 112)

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. 'A palavra dirige-se a um interlocutor': ela é função da pessoa desse locutor: variará se se tratar de uma mesma pessoa do grupo social ou não, se este for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligado ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos [...].

Pode-se constatar que Bakhtin exclui a língua como sistema e passa a concebê-la como algo concreto cuja “criatividade” só pode ser compreendida com os/pelos valores ideológicos e sociais que a ela se vinculam.

Quanto ao processo de compreensão – que, segundo Bakhtin (2000, p. 384), é o que torna o sentido dialético –, é dialógico e pressupõe o texto dado, o confronto com outros textos “passados” e a antecipação, a previsão da réplica: aquele que interpreta reage a enunciados anteriores, dialoga com o enunciado em sua situação e antecipa (ou proporciona) “textos futuros”.

O processo de compreensão estabelecido por Bakhtin prevê quatro etapas:

- (a) percepção fisiológica do signo;
- (b) seu reconhecimento (compreensão de seu significado repetível geral da língua);
- (c) compreensão de seu significado em um contexto dado (sentido);
- (d) compreensão dialógica ativa (discussão, consentimento).

Do mesmo modo que a enunciação, o enunciado envolve o já-dito, o dito e a réplica, constituindo a compreensão ativa. Quanto ao discurso, só existe na

realidade “em forma de enunciados concretos pertencentes aos falantes ou sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 260).

Outro conceito essencial para esta investigação é o de contexto. Fiorin & Savioli (1996, p. 402) consideram-no como uma “unidade lingüística maior, responsável pela atribuição de sentido a uma unidade menor que está inserida nela; assim a frase constitui o contexto da palavra, o texto, o da frase e etc”.

Lyons (1977, p. 572) define-o como

um construto teórico em cuja postulação o lingüista abstrai da situação atual e estabelece como contextuais todos os fatores que, em virtude de sua influência nos participantes e no evento lingüístico, sistematicamente determinam a forma, a adequação ou o significado do enunciado.

Para Lyons, o processo de contextualização corresponde ao uso de certos princípios e regras a partir dos quais os falantes de uma língua criam e interpretam enunciados de maneira coerente.

Coseriu (1979) construiu uma teoria acerca daquilo que envolve o ato verbal, a que ele chamou “entorno”, destacando que esse entorno abrange a **situação** (o espaço-tempo criado pelo próprio discurso e organizado em relação aos falantes); a **região** (o *locus* em que funciona um sistema de significações específicas); o **contexto** (que, para o autor, compreende tudo o que circunda o ato verbal: a presença física de objetos e pessoas, o saber lingüístico dos falantes, o contexto verbal, o tema do discurso, os elementos sociais, históricos, culturais) e o **universo do discurso** (sistema universal de significações).

Entre esses elementos constitutivos do contexto, merecem relevo nesta pesquisa:

- (1) a dêixis – constituída por elementos que marcam o tempo e o espaço produzidos pelo discurso, bem como suas relações com o falante-ouvinte –, que compreende os pronomes demonstrativos, os pessoais e os de tratamento, os advérbios de lugar e tempo (em correlação com os pronomes), os tempos e modos verbais, os elementos catafóricos e anafóricos;
- (2) a pressuposição – ligada às marcas lingüísticas –, que nasce do enunciado e está contida nele, correspondendo a tudo o que o locutor pressupõe que o interlocutor sabe (conhecimentos partilhados que podem ser inferidos pelos participantes do ato comunicativo): tópicos oracionais, artigos definidos, verbos factivos, marcadores de pressuposição;
- (3) o subentendido – não marcado lingüisticamente –, que resulta da interpretação que o ouvinte faz a partir do enunciado;
- (4) a implicatura convencional (que pode ser entendida pelo ouvinte por força do significado convencional das palavras empregadas) e a implicatura conversacional (que acrescenta algo que falta na comunicação linearmente realizada): insinuações ou sugestões que (r)estabelecem a harmonia entre o enunciado e as regras de conversação<sup>4</sup>;
- (5) a inferência – que corresponde ao contributo do interlocutor (ao contrário da implicatura e da pressuposição, que dependem do locutor) e depende do conhecimento de mundo (sócio-cultural, partilhado pelos interlocutores) –: processo que o ouvinte segue para chegar ao sentido literal do enunciado.

Importa acrescentar que, conforme afirma Bakhtin (1997, p. 184-196), as relações dialógicas são possíveis em uma palavra isolada – interpretada como signo representante da voz do outro –, ou nos diferentes estilos de linguagem ou dialetos

sociais – entendidos como veículos de posições semânticas, como reveladores de “uma espécie de cosmovisão da linguagem” –, ou ainda com a própria enunciação como um todo ou com partes desse todo. Nos fenômenos conscientes expressos em matéria sígnica, como a estilização, a paródia e o *skaz*, a palavra, dupla, orienta-se para o discurso do outro (estilizando-o, ou concedendo-lhe uma orientação diametralmente oposta e produzindo um palco de luta entre duas vozes, ou correspondendo a ele, antecipando-o).

Segundo o teórico russo, a intertextualidade nasce da percepção de uma disjunção entre vozes e, quando o discurso se constrói de dois textos que apresentam uma disjunção total, com um deles revelando-se como a inversão jocosa, paródica, do outro, produz-se o que a “carnavalização”. Para ele, o Carnaval “é um espetáculo não observado, mas vivido numa espécie de existência invertida, num mundo de ponta-cabeça, em que se suspendem todas as regras, as ordens e as proibições que regem a vida normal” (BAKHTIN, 1999, p. 21), libertando do dogmatismo.

Paródico e dialógico, o texto torna-se auto-reflexivo, dividindo-se entre uma prática do sério e uma prática subversiva, pois o princípio carnavalesco abole as hierarquias, nivela as classes e cria uma outra vida, livre de regras e restrições (STAM, 1992). Instaura-se, então, a ironia, que, por meio de mecanismos dialógicos, “oferece-se como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de idéias e de normas institucionais, como instauração da polêmica[...]” (BRAIT, 1996, p. 58). Concebida como uma forma de discurso, a ironia “pode compreender o humor, a paródia, a intertextualidade, a interdiscursividade e outros elementos [...] como mecanismos

---

<sup>4</sup> Grice (1975, p. 45-50) identificou convenções que visariam à eficácia do ato comunicativo.

que participam da estruturação de um discurso irônico, ou que se oferecem como efeito de sentido provocado pela ironia” (BRAIT, 1996, p. 58).

## **CAPÍTULO II: A RECEPÇÃO DE FRASES DE CAMISETA POR DIFERENTES LEITORES**

Nosso objeto de análise nesta pesquisa são unidades de dimensão breve, as frases de camiseta<sup>5</sup>. São textos curtos, cuja significação está contida nas relações que se criam entre poucas palavras, que, na maioria, são formas integrantes de um sistema de significação fechado; apenas algumas (três) trazem especificidades, no plano do significante, responsáveis pela configuração de seu significado.

A primeira questão que se pode apresentar ao pesquisador é: a que gênero pertencem esses textos?

A escola tem investido na identificação de textos “corretos” ou “incorretos”, adequados ou inadequados à situação comunicativa concreta e à diferenciação de textos quanto ao “tipo” (muitas vezes restrita à distinção entre descritivo, narrativo e dissertativo), como se a competência textual dos falantes/ouvintes também se restringisse a essa classificação. Também se observa, nesse espaço, a busca de um conhecimento, mesmo que intuitivo, de estratégias de

---

<sup>5</sup> Camiseta, Roupa de Guerra ! O uso de uma peça de roupa leve e confortável para enfrentar os dias quentes e úmidos do verão foi idéia dos soldados europeus durante a Primeira Guerra Mundial. Os combatentes americanos, mortos de inveja pelo calor que passavam com os pesados uniformes de algodão, levaram o achado para os EUA, onde a roupa virou moda e foi incorporada pela marinha e exército em 1942. A peça sem mangas, que foi chamada de "T-Shirt" (camisa-T, nome dado devido ao seu formato), era feita de algodão e tinha a gola arredondada. Sua popularização foi definitiva nos anos 50, graças ao cinema e televisão. Atores como John Wayne e Marlon Brando chocaram a América ao aparecerem usando nada sobre a camiseta em cadeia nacional. Mas foi James Dean quem a fez símbolo da juventude e rebeldia em "Rebel Without A Cause" (Rebelde sem Causa - 1955) - [www.http://camisetaecologica.blogs.sapo.pt](http://camisetaecologica.blogs.sapo.pt)

construção/interpretação de textos, o que permitiria o reconhecimento de uma fábula, uma piada, um poema, um horóscopo, um texto ficcional, um sermão, uma propaganda. Além disso, se ensina a contar, a narrar, a raciocinar, a argumentar, a dar/obedecer ordens, e, mais recentemente, a interagir com textos do cotidiano. Não há uma preocupação essencial em distinguir gêneros textuais ou discursivos, seja pela complexidade do assunto, seja pela multiplicidade de classificações, seja, ainda, pela dificuldade de se diferenciar gênero de tipos ou subtipos.

Travaglia (2002, p. 129) afirma que “o gênero de texto se caracteriza por exercer uma função social específica”, porém “essas funções sociais embora sejam ‘pressentidas’ e vivenciadas com frequência não são de fácil explicitação”. Acrescenta o autor que “este é um ponto que ainda precisa ser objeto de maior atenção e desenvolvimento na pesquisa”.

Na retórica clássica, foram as circunstâncias enunciativas que determinaram a distinção entre os três gêneros discursivos (deliberativo, judicial, demonstrativo ou epidítico). Isso parece significar que os gêneros são modos diferentes de que o ser humano se serve para expressar-se em relação aos conteúdos que veicula e às situações enunciativas. Seu uso freqüente conduz a “tipos” estáveis de enunciados que assumem formas, digamos, cristalizadas, no interior das quais desenvolvem-se outras distinções, que levaram ao estabelecimento de diferenças entre prosa e verso, entre narrativo e dramático, entre história e ficção, entre trágico e satírico, entre humilde e sublime ou médio, entre político, religioso, publicitário, científico, jurídico, filosófico, literário, em cujo interior, particularmente da última, se encontra uma inumerável variedade. (BAKHTIN, 2000)

Essa variedade parece decorrer, primeiramente, da inexistência de textos “puros” e, em segundo lugar, da heterogeneidade dos critérios utilizados para

qualificação: ora a estrutura formal, ora o estilo, ora o objetivo, ora o conteúdo. Além disso, parece haver um conceito segundo o qual textos são meros produtos resultantes de processos de construção ou formação, e não eventos.

Até hoje não foi possível construir tipologias com critérios homogêneos e exaustivos, razão pela qual foram adotados, neste trabalho, três quesitos básicos: a configuração do universo feita pelo texto, a função sócio-comunicativa predominante e a estrutura lingüística sobre a qual se organiza esse texto.

## **2.1 Da seleção das frases**

A seleção das frases considerou os seguintes requisitos: textos exclusivamente verbais escritos, caracterizados pela completude, com argumentos acessíveis aos interlocutores, que partissem de algo conhecido, de domínio comum (conhecimento partilhado), e pudessem ser, pelo menos, decodificados por qualquer pessoa letrada, critérios de que resultaram as seguintes:

- 1) Atrás de um homem, sempre existe uma mulher... cansada, triste, chateada, estressada...
- 2) A mulher e a galinha são dois bichos interesseiros, a galinha pelo milho, e a mulher pelo dinheiro!
- 3) Mulher não vale nada... até pobre tem!
- 4) Existem dois tipos de mulheres: as que me amam, e as que não me conhecem.
- 5) Existem três tipos de homens: os ricos, os bonitos e os que não me interessam.
- 6) Só dou carona pra quem me dá.
- 7) Casamento não é bom, isso é fato verdadeiro ... pois o diabo não se casou, e Jesus morreu solteiro.
- 8) Amor : duas vogais, duas consoantes , dois idiotas.
- 9) Gata, rezei  $\frac{1}{3}$ , para encontrar  $\frac{1}{2}$  pra te levar para  $\frac{1}{4}$ .

- 10) Não cobiçar a mulher do próximo... quando o próximo estiver próximo.
- 11) Quem manda torpedo em bar... acaba arrastando canhão pra casa.
- 12) Adultério: antes à tarde do que nunca!
- 13) Você finge que não me vê ... mas sabe o que está escrito na minha camiseta!
- 14) Ecologia é coisa de veadozinho...e de macaquinho,de leãozinho,de elefantinho.
- 15) Não sou gordo...sou soft.
- 16) Deixei meu coração no Rio e também relógio, cordão, carteira, máquina fotográfica.
- 17) Gosto de viver perigosamente...Moro no Rio.
- 18) O cigarro adverte: esse governo é prejudicial a saúde.
- 19) AGORA VOU VOTAR NAS PUTAS! Cansei de votar nos filhos dela.
- 20) De Fernando em Fernando o Brasil vai se acabando.
- 21) Brasil quem te USA não tem ama
- 22) Ame sua Pátria...Ela não tem culpa dos filhos que tem.
- 23) Não me seqüestre. Sou Professor.
- 24) CULTURA ENRIQUECE.Pergunte os donos de escola.
- 25) Quanto mais conheço os homens ...Mais gosto do meu cachorro.
- 26) Se a bebida está prejudicando seu casamento...abandone sua mulher.
- 27) Fugi da SKOLa e caí na BOHEMIA. Vê se não me emBRAHMA e traz uma ANTARCTICA gelada. Se MALT pergunto, por aKAISER você bebeu hoje?
- 28) CERVEJA como são as coisas. Você não me CONHAQUE, não sabe de onde eu VINHO. Por isso não me COMPARI com qualquer RUM.
- 29) A bebida é a pior inimiga dos homens...mas o homem que foge do seu inimigo, É UM COVARDE!
- 30) Eu disse “não” às drogas. Mas elas não me ouviram.

Selecionadas as frases-textos, tornava-se necessário agrupá-las. O primeiro critério de agrupamento levou em consideração o tema (a macroestrutura), de que decorreram três grupos. O grupo 1 – “relações entre os sexos” - reúne 13 textos (numerados de 1 a 13); o grupo 2 – “questões de ordem político-social e

cultural” – contém 12 textos (de 14 a 25); o grupo 3 – “vícios” – congrega 5 enunciados (de 26 a 30).

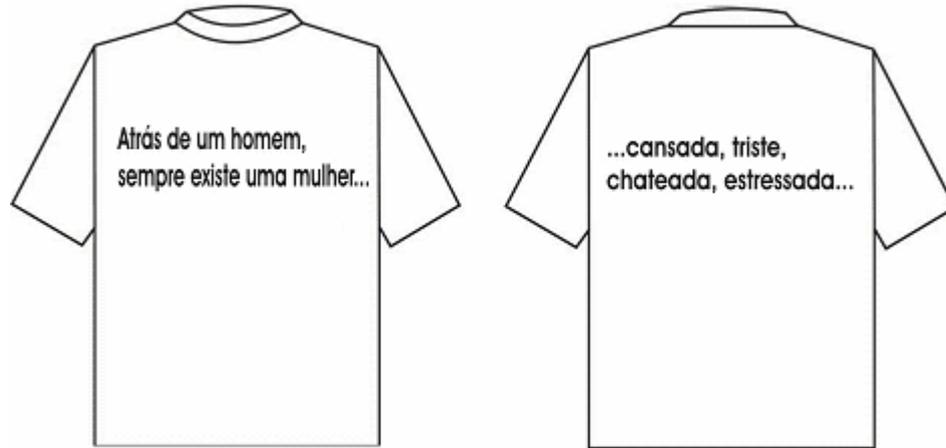
Assim, os textos foram organizados conforme as propriedades comuns (traços internos e traços externos) que os aproximassem de um modelo (presença ou ausência de determinadas características) e, a seguir, submetidos a uma análise que recaiu sobre os textos como enunciados, em sua relação com o processo enunciativo. Após esses processos, os enunciados foram submetidos a variados leitores, cujas “respostas” foram postas em confronto com as análises empreendidas.

No que diz respeito à apresentação das análises, após cada texto-frase são transcritas as entrevistas realizadas, a que se seguem os comentários analíticos. A análise principia por observações de natureza lingüístico-descritivista, que se centralizam nas marcas relativas ao significante (expressão) e dizem respeito à construção morfossintática dos textos e aos recursos lingüísticos utilizados na composição textual; em seguida, focaliza-se a textualidade e a configuração das frases como enunciados (dêixis, pressuposição, inferências), culminando em observações acerca dos discursos subjacentes e de valores culturais e ideológicos.

## **2.2 Grupo 1: relações entre os sexos**

Nesse grupo, foram classificados 13 textos, a saber: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

### Texto 1



Estruturado em um período simples, o texto, de modalidade declarativa e marcado pela relação intertextual, é uma paródia por subversão (MAINGUENEAU, 2001) do ditado popular “Atrás de um grande homem sempre existe uma grande mulher”. O adjetivo “grande”, que, nesse contexto, restringe os universos “homem” e “mulher” (apenas os grandes) e expressa uma qualificação positiva, denotando importância, é suprimido e substituído, no novo texto, por “zero”, na qualificação de “homem” (todo e qualquer homem), e por qualificadores de conotação negativa, arranjados, semanticamente, em gradação ascendente, na qualificação de “mulher” (toda e qualquer mulher que conviva com um homem): “cansada”, “triste”, “chateada” e “estressada”. Cabe a esse trabalho com os adjetivos a tessitura do novo sentido, pois os adjetivos são os fios articuladores do novo plano de leitura.

Observe-se que o texto primeiro, por meio da atribuição do mesmo qualificador (“grande”) a ambos os sexos, procura aproximá-los, situando-os em uma condição de igualdade. Ali, o operador “atrás” – a despeito de não perder o sentido de “posição” (em primeiro plano, o homem; em segundo plano, a mulher), que desvela o discurso machista, constitutivo do imaginário social do Ocidente –,

carrega-se de conotações valorativas para a mulher: mesmo em posição secundária, não visível, é capaz de contribuir com o processo produtivo (porque “grande homem” significa homem bem sucedido no mundo dos negócios)

O novo texto traz à tona, no entanto, a generalização, materializada no artigo indefinido e no circunstante “sempre”, além de uma depreciação da mulher, configurada nos sentidos denotativo (sempre em segundo lugar).e conotativo (inferior) de “atrás”. Ademais, o freqüentativo “sempre” mantém o sentido da escravidão milenar da mulher.

Há de se destacar que a “quebra” do *script* (VAN DIJK, 1980) é produzida pelos adjetivos intencionalmente inscritos nas costas: são eles que alteram, na essência, o sentido do texto original. A essas considerações, deve-se acrescentar que o novo texto altera também o estereótipo da “mulher perfeita” (que se sujeitava a tudo sem demonstrar sofrimento) e “culpa” o homem pela situação atual.

**Entrevistado 1 (H):**

" Atrás de um homem sempre ( tem ) existe uma mulher" ( pausa)..Eu gostei dessa frase...porque me ...me igualo muito bem a essa frase..(pausa ), " Cansada, triste, chateada, estressada" E ! Isso aí também a mulher passa por isso, mas toda mulher tem que passar por isso, pra ser vitoriosa"

**Entrevistado 2 (M):**

" Eu entendi que sempre atrás de um homem tem uma mulher cansada, triste, chateada, estressada pelo motivo que eu acho que os homens exigem muito mais de uma mulher, parte psicológica, física, eles dependem 100% de uma mulher pra fazer tudo. Então isso acaba desgastando uma mulher, estressando uma mulher, deixando ela mais cansada e além de tudo ela tem que trabalhar pra fora, cuidar do

marido, da família, dos filhos, por isso sempre a mulher está cansada, triste e estressada"

No depoimento masculino, é perceptível que o entrevistado entendeu o termo "atrás" como "inferior", ao afirmar que concorda com a frase da frente da camiseta. Em resumo, percebe-se que ele buscou em sua memória modelo(s) machista(s), que não lhe permitiu(ram) visualizar a crítica à sua categoria, tanto que "gosta" da frase, porque se "igualava" ao que ela enuncia. Ao ler o texto de trás da camiseta ("cansada, triste, chateada, estressada"), ele busca um outro modelo, também estereotipado, que faz ecoarem vozes (BAKTIN, 1999) do discurso bíblico, segundo o qual "todos devem sofrer para alcançar seus objetivos". No entanto, ainda em uso do modelo machista, ele afirma que: ".toda mulher tem que passar por isso pra ser vitoriosa", o que significa que todas (e só) as mulheres têm que submeter-se.

Esse texto volante reaviva algo que já foi institucionalizado: o discurso machista. Ainda que ele tenha sido apagado pela ideologia, a memória discursiva – sentidos já legitimados na sociedade que serão alicerce para novos discursos – é, segundo Pêcheux (1990), o recurso responsável por sua retomada.

Na fala da entrevistada, presa aos sentidos literais do texto e possivelmente influenciada por suas idiossincrasias, insinua-se o mito da mulher moderna ("tem que trabalhar fora"), além de alguns fios do discurso feminista, que produzem a ilusão de inversão de papéis-status ("eles dependem 100% de uma mulher pra fazer tudo"), "verdades" contra as quais ela se insurge, porque constituem um jugo muito pesado, do qual gostaria de libertar-se, mas ao qual precisa submeter-se. O operador "além de tudo" (KOCH, 2002) e a perífrase "tem que" denunciam sua posição ideológica: há as obrigações "naturais" e as novas

imposições, e ela se rende à verdade pressuposta, embora, como o homem entrevistado, não se aperceba da crítica ao homem explorador e à mulher que “não dá conta do recado”. A entrevistada busca em sua memória o modelo do cotidiano feminino: ser esposa, ser mãe, acrescentado, modernamente, de ser profissional.

## Texto 2



Estruturado em um período, com verbo “ser”, no presente do indicativo, o texto surge na modalidade declarativa, convicta, produzindo a ilusão da verdade. A presença do determinante artigo definido produz a idéia de generalização (todas as mulheres e todas as galinhas). A parte frontal cria a expectativa de um texto dissertativo-descritivo, em prosa, quebrada pela rima que se produz entre a última palavra da primeira parte do enunciado (parte frontal) e a última das frases das costas da camiseta (com sintagmas verbais elípticos). Imprevisível, a rima altera até mesmo a superestrutura (VAN DIJK, 1989) textual (agora são versos, produzindo uma “trova” de tom jocoso) e produz um certo efeito de humor (mesmo que seja negro...). A imagem da mulher romântica “cantada em verso e prosa” (bela, pura, doce) é desfeita, desestetizada, porque des-humanizada, zoomorfizada.

Cabe ao conector de conjunção “e”, que une os núcleos de SN sujeito, o papel de adicionar “mulher” a “galinha”; ao substantivo “bichos”, enquadrá-las num mesmo grupo; ao adjetivo “interesseiros”, desqualificar o “novo” grupo. O conjunto das relações sintático-semânticas produzidas pela rima rica “interesseiros”/“dinheiro” deixa à mostra a verdadeira intenção do enunciado, especialmente porque a relação “galinha” x “milho” é natural, prevista nas práticas do cotidiano, enquanto “mulher” x “dinheiro” não o seria. Além do novo atributo, depreciativo, aplicado à mulher, a escolha de “galinha” como “termo de comparação” não é gratuita e ativa nossa memória: ativa um modelo segundo o qual “galinha” é ‘mulher que varia muito de parceiro’, prática condenada pela sociedade, que aplaude o modelo machista.

Não se pode negar a presença sutil do discurso capitalista pós-moderno do lucro, dos homens-mercadorias, do hedonismo (a moral do prazer). (SANTOS, 1986).

**Entrevistado 3 (H):**

“Eu entendi o seguinte que a mulher é interesseira pelo dinheiro, é questão financeira e a galinha é...interesseira pelo milho, mas por questão de sobrevivência, por fome. ”

**Entrevistado 4 (M):**

“ A camiseta ... a mulher e a galinha são dois bichos interesseiros, a galinha pela naturalidade, pelo natural ela come milho e a mulher pelo dinheiro, só quando já passou por muitas necessidades ou muitas decepções, então ela vai pelo dinheiro. ”

Tanto o entrevistado quanto a entrevistada praticamente limitam-se à decodificação, à apreensão dos explícitos e parecem encarar como naturais – ou pelo menos comuns – ambos os “interesses”; no entanto ele, ao enunciar “mas”,

deixa entrever que recrimina a mulher que busca “a questão financeira” e não a sobrevivência. Ela, por sua vez, percebe a crítica e busca justificar o comportamento das mulheres, restringindo, no entanto, o universo ali representado: não são todas; apenas as que passaram “por muitas necessidades ou muitas decepções”. Importa destacar que tanto o homem como a mulher entrevistados não negaram a “verdade” do enunciado, e que a mulher infere uma mensagem subentendida no texto: “ela vai pelo dinheiro”, o que remete ao sentido de “galinha” e ao campo da sexualidade.

### Texto 3



Estruturado em dois períodos justapostos por uma relação de coordenação – o primeiro semântica e sintaticamente completo; o segundo, que expressa uma explicação do primeiro, semanticamente dependente daquele – o “texto total” traz uma mensagem que deprecia duplamente a mulher: pelo predicado “não vale nada” e pela “razão” apresentada nas costas da camiseta. É de se observar que a ausência de determinante, em ambos os SN sujeito, produz efeito de generalização (PINTO, 1994), e os verbos no presente do indicativo dão um tom de verdade absoluta e de fatos que se repetem (RODRIGUES e DURIGAN, 2003).

O argumento decisivo, imprevisível – “até pobre tem” – traz as marcas de pressuposição (DUCROT, 1987) deixadas no enunciado: “pobre” caracteriza-se pelo não-ter; não-ter, associado a pobre, pressupõe falta de condições financeiras para ter algo de valor. Assim, se pobre não pode ter nada de valor e tem mulher, significa que mulher não tem valor. Assim concebido, o verbo “valer”, que, no primeiro período, parece assumir o sentido ‘não ser valorosa’, ‘não ter importância’, ser “uma qualquer” (‘não prestar’), passa a agregar o sentido de valor monetário, que se aplicaria ao campo das mercadorias. Nesse conjunto de relações, deprecia-se duplamente a mulher e o pobre. O texto da camiseta porta um discurso machista e preconceituoso, elitista, à medida que coloca a mulher e as pessoas de baixo poder aquisitivo num patamar inferior da sociedade.

**Entrevistado 5 (H):**

“Mulher vale muito sim, como é que não? Se for pobre, ou rico, qualquer um tem sua mulher, tem muito valor sim. Como não ?”

**Entrevistado 6 (M):**

“Acho que eu entendi dessa frase é..que eles compararam mulher ...a pobre \_porque pobre consegue ter mulher e não consegue outras coisas que talvez rico tem, e pobre consegue ter qualquer mulher ... até mesmo as que prestam, as que não prestam ... pobre ou rica. ”

O entrevistado não atende à questão a ele apresentada, preocupando-se apenas em negar veementemente o modelo, mostrando um discurso “politicamente correto”. Como o homem, a mulher não se atém à interpretação; o que ela acaba por fazer é uma paráfrase do texto, embora perceba e acentue o sentido de “ter” (posse de) e o de valer (“prestar” x ‘não prestar”).

**Texto 4****Texto 5**

Os textos 4 e 5 articulam descrição e dissertação e apresentam a seguinte configuração morfossintática: organizam-se em um período, constituído pelo verbo “existir” na terceira pessoa do plural, concordando com o sujeito posposto.

Ao núcleo do Sintagma Nominal sujeito (“tipos”), agregam-se um determinante numeral (“três”, em 5; “dois”, em 4) e um SP de valor adjetival (adjunto adnominal), com função apositiva, cujo papel é de proceder ao desmembramento/esclarecimento/especificação do conteúdo do nome genérico

“tipos” (o que parece justificar o uso do plural em “homens”/“mulheres”, contrariamente ao que define a gramática normativa). A essa construção, delimitada por dois pontos, segue-se uma outra explicação, também de teor apositivo, que traz ao leitor/ouvinte os “tipos de mulheres” [sic] anunciados, contribuindo para a completude, para a coesão e para a coerência (do texto). As frases que veiculam essa explicação estruturam-se como construções oracionais de natureza relativa, em que o sujeito é representado por um pronome demonstrativo (“os”/“as”) e sua qualificação surge por uma oração introduzida pelo pronome relativo “que” (“os”/“as” + relativo + estrutura oracional). Ainda se manifesta, na superfície dessas orações relativas, um locutor “eu”, visível em “me” (MAINGUENEAU, 2001).

Enquanto textos (significação lingüística), as duas seqüências (lingüísticas) são perfeitamente inteligíveis, apresentam uma intencionalidade (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981) primeira, aparente: fazer alguém saber, e uma outra, patente, produzida pelo “me”: dirigir-se a alguém para falar de si (como o locutor se imagina para seus alocutários) e conseguir de “tu” a comprovação pela experiência. Além disso, relacionam-se com outras estruturas textuais (e entre si), são coesas e internamente coerentes, com certo grau de aceitabilidade, e, pela “novidade” do conteúdo que apresentam (imprevisibilidade), caracterizam-se por um grau razoável de informatividade. No que concerne à situacionalidade, pode-se afirmar que o texto 4 foi produzido para mulheres e o texto 5, para homens, porém a avaliação de sua eficácia ou das reações que provocariam (riso, avaliação negativa do locutor pelo locutário, o teste para validação da “verdade”) poderia não passar de especulação ou de conjecturas, porque: (a) as frases foram “retiradas” de um portador de textos e, por assim dizer, descontextualizadas; (b) não se lhes conhece o “autor” real.

Ainda assim, torna-se evidente que ambos assumem o *status* de enunciados (BAKHTIN, 2000) e, pois, alcançam um sentido, o que torna possível responder a esses enunciados completos cujo elemento significante são as orações constitutivas dos períodos. Ambos se configuram como asserções de fatos precisos e podem ser avaliados como falsos ou verdadeiros, com cujo conteúdo se pode concordar, ou de cujo conteúdo se pode discordar, provocando aquela “compreensão responsiva” a que se referiu Bakhtin (2000, p. 306-7). Não se pode negar que o jogo personalizado, a paixão por si mesmo (a), “a glamurização da auto-imagem”, “a glorificação do ego no instante” e a informação pessoal fazem ecoar o discurso pós-moderno da cultura narcísica e da des-substancialização do sujeito (SANTOS, 1986).

Postos numa situação concreta de interação verbal – a entrevista – os enunciados podem ser, então, analisados quanto à relação que estabelecem com o próprio locutor (locutor 1), com o entrevistador (locutor 2) e com os outros parceiros da interação (os entrevistados).

**Entrevistado 7 (H): (FIGURA 4):**

“É ..na minha opinião, as que me amam é... são as mulheres sinceras né, e as que não me conhecem são aquelas mulheres interesseiras, na parte financeira mesmo. ”

**Entrevistado 8 (M):**

“Eu acho que é uma pessoa muito convencida né, até aqueles que não o conhecem o amam. ”

O entrevistado toma o texto como se o “eu” fizesse referência a ele próprio e traz para sua leitura suas idiossincrasias, seu modelo de amor e sua visão

sobre as mulheres: mulheres sinceras X mulheres interesseiras, leituras que não estão inscritas no texto como virtualidades. A entrevistada, por sua vez, apreende a mensagem principal – o narcisismo do locutor –, embora tenha criado sentidos não existentes. Nenhum deles destacou o pressuposto básico: quem o conhecer vai amá-lo.

**Entrevistado 9 (H) (FIGURA 5):**

“Essa frase denota as mulheres que buscam alguns interesses como dinheiro e a beleza, mas quem não busca interesse nessa sociedade?, até os homens buscariam as mulheres ricas e bonitas e as outras não as... os interessariam.”

**Entrevistado 10 (M):**

“Existem três tipos de homens, só que eu não concordo. Os ricos, os bonitos e os que não me interessam. Existem vários tipos de homens: os homens de Deus, os homens batalhador, os homens carinhosos... só!”

A frase prega o hedonismo pós-moderno – a moral do prazer e não dos valores (SANTOS, 1986) –, no caso, a riqueza e a beleza. Aqueles que fogem a esses dois padrões formariam o grupo dos “... que não me interessam”.

O entrevistado, após a reconstrução da frase da camiseta, dirige-se logo ao termo “interesse” e confirma a validade da asserção, acrescentando, ao rol dos defensores de estética e dinheiro, também os homens. A entrevistada, ao contrário, discorda da “verdade” pressuposta e traz a “sua verdade”, fundada em valores inscritos no discurso religioso e num “ideal” romântico de homem provedor (discurso machista) e “carinhoso”. A entrevistada se recusa a ver, nela, uma ponta de

interesses fúteis, tais quais a beleza e o dinheiro, enquanto o entrevistado admite que esses interesses são preconizados pela sociedade num todo.

### Texto 6



Escrito em primeira pessoa, identificável pela desinência do verbo e pelo pronome objeto “me”, o enunciado faz referência ao portador do texto volante, que seria o responsável pela enunciação e que instaura um diálogo com um interlocutor, num ato indiscutivelmente perlocutório, independentemente da interpretação do pólo de recepção.

O período é constituído de duas orações, relacionadas por subordinação, em que a segunda funciona como objeto indireto do verbo da “oração principal” [“Só dou carona”] e tem como sujeito um pronome relativo sem antecedente explícito [“quem”].

Ambíguo, em decorrência da polissemia do verbo “dar” (palavra central de ambas as orações), o enunciado admite, intencionalmente, duas leituras. A primeira decorre da manutenção, na segunda oração, da valência do verbo “dar” (o objeto

“carona”, explícito na primeira oração, está elíptico na segunda); a outra – possivelmente a “pretendida” pelo produtor, subentendida no texto – toma o verbo “dar” em sua acepção informal de ‘aceitar fazer sexo com’, de comportamento transitivo indireto, porque faz desaparecer o objeto (direto).

Pelo primeiro plano de leitura macroestrutural (VAN DIJK, 1989), esse texto pode ser assim entendido: o locutor, ao ser interpelado por um interlocutário que lhe pede carona, responde que só oferece esse tipo de transporte para pessoas que fazem o mesmo por ele; nesse caso, as reticências figurariam como indício da elipse do objeto direto e deixariam implícito que o outro nunca lhe deu carona, portanto não a receberá. Na outra leitura, o verbo “dar” assume o sentido chulo e o enunciado figura como uma “cantada”: se você me “der”, eu lhe dou carona. Apenas o contexto de interação poderia garantir uma ou outra leitura. Assim, o primeiro “dar” é denotativo, ou seja, o verbo tem o sentido de oferecer algo, e o segundo é conotativo, ou seja, faz apelo sexual.

Ressalte-se que o presente do indicativo assume, em ambas as ocorrências, um valor freqüentativo, de hábito ou costume, que deixa em segundo plano o efeito de convicção (RODRIGUES e DURIGAN, 2003).

**Entrevistado 11 (H):**

“ Só dou carona pra quem dá pra mim, depende de quem esteja do meu lado, de quem vai dar essa carona.”

**Entrevistado 12 (M):**

“ Eu discordo, porque eu não dou carona, porque eu não pego carona de ninguém.”

Dentre os 101 significados dados pelo *Software Dicionário Aurélio*, o de número 77 é o que concede o sentido humorístico ao texto – “Chulo Entregar-se sexualmente (mulher ou homem).” –, que parece, à primeira vista, não ser percebido pelo entrevistado, mas que se deixa insinuar em sua resposta, em que ele se auto-corrige. Também a entrevistada – que não é, no caso, o interlocutor instituído pelo produtor – percebe a significação do enunciado, mas procura preservar sua imagem, reagindo contra a “opinião” do produtor primeiro.

### Texto 7



A parte frontal da camiseta surge estruturada como um período composto por justaposição, com o verbo “ser”, no presente do indicativo, na modalidade negativa, indicando convicção, valor modal confirmado pela segunda oração, produzindo um efeito de verdade. A segunda oração é introduzida pelo dêitico “isto” [sic], que, no plano sintático, exerce a função de sujeito e, no plano textual, funciona como elemento anafórico que retoma o enunciado anterior (KOCH, 1996). Por intermédio do verbo “ser”, essa segunda oração, também no presente do indicativo e agora na modalidade afirmativa, produz uma qualificação da primeira “verdade”,

reforçada pelo nome “fato” e pelo predicador “verdadeiro” (uma redundância proposital, de efeito reforçativo). As reticências que se seguem à tripla afirmação da verdade promovem a interrupção do pensamento e conduzem o leitor a esperar a progressão/continuidade do texto, que se vai apresentar nas costas da camiseta, sob a forma de explicação. Surge para o leitor duas orações explicativas, introduzida pelo conector “pois” e estruturada em duas orações, unidos pelo articulador de adição “e”. Acrescente-se que o emprego da 3ª pessoa favorece o sentido de verdade socialmente reconhecida como tal.

Chama a atenção o fato de que também ali há uma frase de modalidade negativa e uma de modalidade afirmativa, que favorecem a produção das rimas e garantem o paralelismo estrutural, a coesão e a coerência do texto global (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981). Na primeira oração, o verbo é acompanhado do modalizador “não”, que permite construir uma negação, opondo a palavra “casamento” ao adjetivo “bom”.

Ao escolher a negação para afirmar sua posição diante do “tema”, o enunciador dialoga com o discurso do senso comum e nega a “verdade” segundo a qual “casamento é bom”.

Há de se acrescentar que o enunciador busca, no discurso religioso – outra garantia de verdade, argumento de autoridade (DUCROT, 1987) –, as figuras antagônicas Jesus e diabo como exemplos que reforçam seus argumentos e, pelo recurso à sinonímia, aproxima-as (embora com recursos que mascaram essa aproximação): “não se casou” x “[morreu] solteiro”. Participam do processo de argumentação distintos e variados recursos persuasivos (CITELLI, 1997), marcados pela originalidade: a opção por versos com rima, a escolha das figuras que representam o tema, o trabalho com a afirmação X negação, o enunciado

explicativo, o uso da inicial maiúscula em “Jesus” e o da minúscula para o “oponente”. Para atingir a instituição “casamento”, o autor utiliza-se de dois personagens bíblicos como argumentos decisivos e altamente apelativos, nem o Diabo e nem Jesus se casaram.

**Entrevistado 13 (H):**

“Eu não concordo com a frase, porque eu sou casado, muito bem casado, e ... é... meu maior patrimônio é minha família. ”

**Entrevistado 14 (M):**

“ Eu discordo da frase que casamento não é bom, depende do amor de duas pessoas ... se entenderem ... de .. de .. é isso. ”

Ambos os leitores parecem ter usado a macrorregra de seleção (VAN DIJK, 1989), excluindo a proposição explícita na parte posterior da camiseta: “o diabo não se casou”, limitando-se ao julgamento de valor, suscitado pela construção “não é bom”, e a suas possíveis experiências pessoais, suas idiossincrasias. É possível que o tabu religioso tenha influenciado a leitura dos entrevistados, conduzindo-os a apenas discordar da “verdade” apresentada. Também é possível que os argumentos da parte posterior da camiseta tenham acionado a memória (PÊCHEUX, 1990) de modelos “tradicionais”, segundo os quais a instituição em foco (casamento) é de natureza divina, conduzindo os leitores a rejeitar a “opinião” do autor do texto.

**Texto 8**

Estruturado em uma frase nominal, o texto surge em duas partes: na primeira, a palavra-tema “amor”, seguida de dois pontos, que aciona o *frame* (VAN DIJK, 1989) texto descritivo e conduz o leitor a esperar a definição ou a explicação. Acionada a memória textual, produzem-se expectativas e o jogo intertextual: a mensagem bíblica, o soneto de Camões, ou ainda os conhecidos “Amar é...”, de valoração positiva. O *script* quebra-se, aumentando o grau de informatividade (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981) do texto: ao contrário do que se espera, surge, primeiramente, uma definição imprevisível, de natureza metalingüística, calcada no componente grafofônico da língua, na superfície textual, e, em segundo lugar, a depreciação dos atores e da imagem desse sentimento, mantendo-se apenas o número “dois” do antigo modelo armazenado na memória (VAN DIJK, 1989), refutado pelo enunciador.

Assim, mobilizam-se formas cristalizadas, com o retorno de um conteúdo temático conhecido e a instalação de um novo sentido pela subversão de valores estabelecidos, pela desqualificação do amor e dos amantes. Pode-se afirmar que se insinua, no texto, o “eu cultural” pós-moderno, alheio ao sentimentalismo e que não

enxerga além da aparência (SANTOS, 1986). E o texto assume um significado irônico em relação ao amor, confirmado no termo “idiotas”.

**Entrevistado 15 (H):**

“Amor ... é ... amor é uma palavra né .. que podemos usar assim .. o amor é lindo pra quem sabe amar obviamente e dois idiotas são dois seres que se amam loucamente ao ponto de serem considerados dois idiotas e completando ... o amor é lindo .. obviamente ... pra quem sabe amar. ”

**Entrevistado 16 (M):**

“Eu entendi que quando uma pessoa ama outra ela fica cega e acaba sendo idiota.”

Na fala masculina, observam-se rodeios românticos sobre o amor, que repetem o já-dito (PÊCHEUX, 1990) e apresentam o parecer-ser, enquanto, no depoimento feminino, observa-se um pacto com o produtor do texto, identificando e corroborando o sentido da palavra “idiota”: aquele que não está dentro de sua racionalidade. Observa-se que o entrevistado percebe o propósito do enunciador – definir “amor” – ao retomar “palavra”, porém refuta a proposta e apresenta uma qualificação oposta à que lhe foi sugerida pela frase.

O entrevistado segmenta o texto e, ao invés de buscar a mensagem global, analisa e define os nomes que o compõem. Já a entrevistada capta parcialmente a mensagem, acrescentando o estereótipo “ficar cego por amor”, não inscrito na frase da camiseta, porém gravado na memória de longo prazo (VAN DIJK, 1989) da leitora.

**Texto 9**

Com interlocutor explícito, materializado pela construção discursivo-sintática denominada vocativo (“gata”), o texto apresenta-se como dialógico por excelência (BAKHTIN, 1981), produzido por um sujeito masculino e destinado a um interlocutor feminino, aparentemente um só locutor e um só interlocutor, conforme as práticas sociais “politicamente corretas” instituídas pela sociedade ocidental.

Ocorre que, por encontrar-se em um portador multiplicado e comercializado aos milhares – a camiseta –, não seria essa a mensagem global: qualquer sujeito que use a camiseta estará dirigindo uma “cantada” a qualquer “gata”, observando-se que o rótulo “gata” restringe: a palavra “gata”, em seu sentido conotativo, refere-se a um ser do sexo feminino ou que se considere como tal. Constrói-se, assim, o sentido de cantada, que se completa em “1/4”=um quarto.

Dois recursos concorrem para a originalidade e imprevisibilidade do texto: a utilização, no plano de expressão, da linguagem matemática e uma transgressão, por assim dizer, do “estilo verbal” a que se referiu Bakhtin (2000), ou seja, da seleção nos recursos da língua, que chamam a atenção para a mensagem em si.

A decodificação da mensagem depende da decifração das frações matemáticas ali inscritas, cujo sentido desloca-se da ordem dos números para outros

campos de significação:  $1/3$  desloca-se para o discurso religioso, porque pertence ao escopo de “rezei”;  $1/2$ , no escopo de “encontrar”, assume o significado de ‘estratégia’, ‘método’, ‘caminho’, deslocando-se para o “discurso do método” ou mesmo para o campo bélico;  $1/4$ , que assume o papel de núcleo do circunstante de direção, destino, indiciado pela preposição “para” e complemento circunstancial de “levar”, passa a significar ‘quarto’, ‘apartamento’, que, no conjunto das relações sintático-semânticas produzidas, assume o sentido de ‘espaço para encontros sexuais’, fechando o texto numa comunhão irônica entre sagrado-profano. (BRAIT, 1996)

Não se pode ignorar também o percurso persuasivo-argumentativo (MAINGUENEAU, 2001): destinatário explícito, qualificado positivamente pelo sujeito enunciador, que demonstra um grande esforço para alcançar seu objeto de desejo: rezar um terço para, procedimento que demanda tempo e que se inscreve na ordem do discurso (FOUCAULT, 1996) religioso como uma prática de pessoas devotadas, sérias e religiosas, marcando uma imagem positiva desse “eu”, ainda que se produza uma banalização do sagrado (BAKHTIN, 1999).

Semanticamente o verbo “rezar” propõe uma ação que conduz a outra – alcançar um objetivo –, remetendo ao verbo “encontrar” e à realização do ato no verbo “levar”. Nota-se uma banalização do sentido do verbo “rezar”, que culturalmente está ligado ao sagrado, ao místico e aqui assume o sentido “popular” de ‘buscar com persistência’.

A expressão matemática  $1/3$  escapa à ordem dos números e remete a uma modalidade de reza católica, organizada como um conjunto de orações – o terço –, que é visto como instrumento de “barganha” entre o solicitador que o reza e a divindade que aceita o presente (as orações ditas), e, como agradecimento, realiza o pedido.

Na primeira oração, formada por “encontrar  $\frac{1}{2}$  e a segunda oração de te levar a  $\frac{1}{4}$ ”, o enunciador se refere mais uma vez ao leitor, tratando-o pelo dêitico “te”, de segunda pessoa, incorporando ao texto um sentido de intimidade que lhe permitirá aproximar-se do interlocutor “gata”.

Dada, então, a idéia de intimidade, o enunciador prepara o leitor para a última expressão enigmática, ou melhor, matemática: “levar pra  $\frac{1}{4}$ ”.

Por ser macroestruturalmente um tema de apelo sexual, produz-se a coerência pela fração matemática  $\frac{1}{4}$ : espaço entre quatro paredes para realização de atos sexuais.

**Entrevistado 17 (H):**

“ O que eu entendi da camiseta é que ...(pausa) tende a levar a menina a xavecar, a facilitar o xaveco, assim, é isso ?

**Entrevistado 18 (M):**

“ O que eu achei da frase é ..( pausa) aqui no início falou: Gata rezei um terço pra encontrar.. é..é o significado desse um traço dois aqui de te levar para um quarto. Apesar de eu não ter entendido quase nada né..(pausa) posso falar que eu não entendi quase nada

Jacqueline, inclusive isso aí que você ta pesquisando é muito importante, lá na Organização, lá no Salão do Reino, eu sou Testemunha de Jeová e os irmãos, eles há muito tempo atrás, eles orienta a gente a não usar uma camiseta que a gente não sabe o significado da frase que ta escrito, é só isso. ”

O entrevistado infere o sentido global da mensagem, fundado em seu modelo de conhecimento de mundo, que se traduz pelo termo “xavecar”. Sem se

prender à decodificação das expressões fracionárias em si, substitui  $\frac{1}{2}$  por “facilitar”, também previsto na mensagem da frase.

A entrevistada, por sua vez, presa à leitura “palavra por palavra”, parece não ter tido a “percepção fisiológica do signo” e não lhe reconhecer o “significado repetível geral da língua” e o significado no contexto (BAKHTIN, 2000), o que lhe impede a compreensão dialógica ativa.

Ao justificar-se da não-interpretação, a leitora retoma, como modelo, o discurso dos líderes de sua religião, permitindo-nos inferir um possível tabu: ela diz não compreender, porque o sentido global da mensagem é interdito pela religião, além de que “rezar terço” não é uma prática nas seitas não católicas.

Ela afirma que pouco pode entender do texto, mas reconhece o “perigo” embutido em tais textos, ou seja, da significação latente na microestrutura (VAN DIJK, 1989).

### Texto 10



O texto se compõe de um período composto por subordinação, em que se estabelece uma relação de temporalidade, introduzida pela conjunção subordinativa “quando”.

A parte frontal da camiseta convoca o texto bíblico – de origem – dos dez mandamentos: “Não cobiçarás” ou “Não cobiçar a mulher do próximo” (BÍBLIA SAGRADA), estabelecendo uma forte relação argumentativa entre enunciador e enunciatário e recorrendo à memória para recolocar um sentido já estabelecido (PÊCHEUX, 1990). As reticências que encerram o primeiro enunciado impelem o leitor a buscar a continuidade do texto na parte posterior da camiseta, em que o sentido primeiro se desloca do sagrado ao profano, quebrando o *script* (espera-se, por exemplo, a referência ao livro da Bíblia em que se encontra o texto – Êxodo 20 –) e fazendo emergir, por meio da transgressão no plano do conteúdo (GREGOLIN, 2005), o novo texto, imprevisível. Paródico e irônico, o texto é agora um texto de humor (BRAIT, 1996), que desqualifica o discurso anterior e faz uma apologia ao adultério.

Merece destaque o jogo com as formas lingüísticas, na exploração da ambigüidade morfossintática da palavra “próximo”: de substantivo, nas duas primeiras ocorrências, equivalente a ‘o semelhante’, a circunstante, equivalente a ‘perto’, na terceira.

No que diz respeito à oração sintática e semanticamente temporal (do ponto de vista gramatical) inscrita nas costas da camiseta, esta assume, no plano textual e discursivo, um valor de restrição: a determinação contida no “mandamento” não é atemporal, como faz crer o uso do verbo no infinitivo, nem destinada a todos (como sugere o determinante “o”; no caso, generalizante); a proibição (inscrita no modalizador “não”) não é “para sempre” ou em toda e qualquer circunstância.

#### **Entrevistado 19 (H):**

“Eu interpretei essa frase que quando a pessoa está perto se não mexe, mas se ele estiver longe se pode falar.”

### Entrevistado 20 (M):

“Eu tenho a seguinte opinião: ou a pessoa que está usando esta camiseta é extremamente... é..extrovertida né, e gosta de brincar ou ela é extremamente egoísta, porque eu acho que a gente realmente deve respeitar a mulher do próximo não cobiçando, quando ele estiver nem longe, nem próximo, tanto a mulher quanto o homem. ”

O entrevistado decodifica “ao pé da letra” a mensagem proposta, sem mencionar as relações intertextuais ali inscritas e sem emitir um juízo de valor sobre o “novo” conteúdo. Já a mulher percebe o novo texto – de humor – e critica a prática discursiva de um possível enunciador “egoísta”. Ela confirma o mandamento bíblico, embora lhe aponte restrições, e refuta o modelo machista que perpassa o novo texto, do qual se apropria e ao qual imprime seus valores pessoais.

### Texto 11



Com um *frame* (VAN DIJK, 1980) conhecido, que remete aos enunciados proverbiais de conselho, advertência, do tipo “Quem avisa amigo é”, “Quem semeia ventos colhe tempestades”, em que as duas orações são ligadas pela relação de

causa-efeito, o texto apresenta-se, intencionalmente, em duas partes – frente e costas do portador –, provocando, por essa disposição, a curiosidade do leitor/interlocutor, também acionada pelas reticências, quanto à “praga” (punição) que se seguirá.

Palavras como “torpedo” e “canhão”, do campo semântico de guerra, inscreveriam no texto, em tempos bélicos, uma mensagem distinta da que se apresenta na camiseta: alertariam para as conseqüências dos conflitos armados entre nações ou povos. Ocorre que os sentidos originais, denotativos, foram substituídos e, no texto, as duas formas lingüísticas assumem o status de metáforas. Bélicas de origem, é verdade, porém a primeira situa-se, hoje, no campo da telefonia celular, enquanto a segunda permanece, ainda, como sinônimo, cristalizado, de ‘mulher feia’ (porque as armas de guerra, hoje, não são mais os canhões).

Mantendo-se o *frame*, a relação entre as orações continua de causa-efeito; também são mantidas as microestruturas (VAN DIJK, 1989): o pronome sem antecedente (“quem”), generalizante (‘todos aqueles que’), os verbos no presente do indicativo, apontando para o sentido de verdades universais, estabelecidas, incontestáveis, e de processos freqüentativos (RODRIGUES e DURIGAN, 2003); o texto estruturado em um período composto por subordinação, formado por duas orações.

Há de se destacar o papel reforçativo do sentido de conseqüência que assumem os componentes da perífrase “acaba arrastando”: a construção com o auxiliar “acabar”, seguido de gerúndio, produz um efeito terminativo (é o fim daqueles que mandam torpedo em bar), enquanto o lexema de “arrastar” acentua o caráter negativo dos efeitos produzidos pelo ato, já anunciados pelos semas do verbo auxiliar.

Não se pode deixar de mencionar os implícitos (os não-ditos) que significam (MAINGUENEAU, 2001): o bar como espaço para ingerir bebidas alcoólicas; como lugar freqüentado por “qualquer um”; a bebida como agente capaz de impedir o discernimento e de provocar encontros não desejáveis, mensagens que, preconceituosas ou não, circulam no meio social.

**Entrevistado 21 (H):**

“É mais ou menos por aí mesmo assim, você tem que focar na onde que você quer e atacar na beleza, o resto é consequência. ”

**Entrevistado 22 (M):**

“ Ah! Bom ...a comparação aqui é pra fazer uma piadinha entre torpedo e o canhão né, e o que eu entendo disso aqui é o seguinte... que é se você ta desesperado e acaba mandando torpedo, o que entendi é que que você não vai pegar coisa boa, imagino isso, uma situação de desespero quer dizer, é ... geralmente quem faz esse tipo de coisa é sempre fria, nunca vai acontecer coisa boa, então ela acaba assim no desespero pegando qualquer coisa. ”

Familiarizados com os novos sentidos das palavras “torpedo” e “canhão”, os entrevistados captam a intencionalidade do produtor do enunciado e os sentidos de base da mensagem, destacando-se que ambos se fixam no sentido de ‘pegar qualquer um(a)’: ele refuta essa hipótese; ela a confirma.

**Texto 12**

O texto é constituído por uma frase nominal organizada em duas partes. A primeira traz um nome substantivo seguido de dois pontos, criando no leitor a expectativa de que se seguirá uma definição, uma explicação, ou que se repetirá a proibição inscrita no discurso bíblico, imediatamente acionada pela memória: não adulterarás. O que se lê após os dois pontos é, no entanto, a paródia de um dito popular amplamente conhecido: “antes tarde do que nunca”, produzindo-se, no texto global, uma recuperação crítica de dois discursos marcantes: o da proibição do adultério e o da perseverança, que não deixa de remeter à memória discursiva, ao também cristalizado “Quem espera sempre alcança”.

Ocorre que o discurso agora edificado põe em movimento (GREGOLIN, 2005) dois discursos institucionalizados: dessacraliza-se o mandamento bíblico, subvertendo-se valores estabelecidos, e transgride-se a construção composicional (BAKHTIN, 2000) do provérbio de origem. Além de pregar a realização de uma prática (proibida por “lei”) – transgressão, portanto – o produtor ainda prevê um horário para ela, abreviando a possibilidade de ocorrência do processo e insinuando que isso costuma ocorrer, além de deixar subentendido que aquele que usa a camiseta é adepto dessa prática.

Destaque-se que a supressão do verbo “praticar” elimina, pela macrorregra da seleção (VAN DIJK, 1989), uma informação irrelevante, estabelecida mais pela conotação de conselho do que pela estrutura gramatical propriamente dita.

**Entrevistado 23 (H):**

“ O que eu entendi dessa frase de adultério antes tarde do que nunca, é que nunca é tarde para trair.”

**Entrevistado 24 (M):**

“ A frase adultério pra mim é ... toda pessoa que faz ela gosta e quem veste uma camiseta dessa é porque já teve muitas experiências na vida. ”

Observa-se que a leitora não procura ler/entender o texto em si, mas recupera uma informação subentendida. Ela parece promover aquilo que Maingueneau (1996, p. 105) afirma ser “uma espécie de adivinhação”, uma hipótese do co-enunciador, fixando-se na imagem que o sujeito que veste a camiseta teria construído de si mesmo e que ela diz rejeitar. Na leitura masculina, há um outro viés, porque ele não percebeu a modificação do provérbio: a locução adverbial “à tarde” não é levada em consideração e ele usa a macrorregra de supressão (VAN DIJK, 1989), remetendo a interpretação ao dito popular “antes tarde do que nunca” e estabelecendo a relação intertextual (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981).

### Texto 13



A mensagem é estruturada por um período composto misto, em que as duas orações do primeiro bloco, ligadas por subordinação, associam-se por coordenação adversativa às duas outras do segundo bloco, que também se ligam, entre si, por subordinação. Dirigida a um interlocutor materializado no dêitico “você” – o que denota intimidade entre eu e tu e institui o “eu-aqui-agora” (MAINGUENEAU, 2001) –, porém sem características formais de diálogo puro – porque, aparentemente não prevê a réplica –, e sim de intenções fáticas, a frase traz também um aparente locutor “individual”, identificado por “me” e “minha”.

Ao relacionar o argumento da parte frontal da camiseta ao da parte posterior com o operador “mas” (KOCH, 1996), o enunciador parece deixar implícito que o segundo argumento é contraditório ao primeiro, o que produziria uma incoerência interna. Ocorre que o funcionamento das relações existentes no período são mais complexas que isso. Ao enunciar “você finge” [que não me vê], ele já faz pressupor que não é verdade. Quanto a “mas sabe o que está escrito[...]”, articula-se a “que não me vê” (e não a “Você finge”), de modo que, se o(a) interlocutor(a) sabe o que está escrito, é porque vê o locutor. Confirma-se, assim, a verdade

apresentada pelo locutor e a mentira do outro. Podem-se aplicar aqui as conclusões de Maingueneau (1996, p. 68-9) acerca do papel do “mas argumentativo”: trata-se de um enunciado eminentemente polifônico, em que se assiste “ao confronto entre dois pontos de vista sucessivos que argumentam em direções opostas”, dos quais prevalece o segundo, levando o leitor a crer no enunciador, como ocorre nas leituras executadas pelos entrevistados.

**Entrevistado 25 (H):**

“ Quanto a frase é que ... a pessoa conhece a outra, finge que ignora , mas conhece e sabe até o que tá escrito na camiseta dela.”

**Entrevistado 26 (M):**

“ Ele tá mostrando que ela o vê... assim né... ela finge que não o vê, mas como se ela leu o que estava escrito na camiseta então ela disfarça o sentimento né ... ela viu, ela observou, só que ela tem dificuldades de assumir que sente algum interesse por ele .... mais ou menos nesse sentido.”

A entrevistada infere tratar-se de um “eu” masculino que se dirige a um “eu” feminino, embora não haja qualquer pista ou índice no texto da camiseta que comprove isso. Entrevê-se, aí, sua posição ideológica, que reconhece um discurso machista, e a ordem do discurso que controla o que se pode dizer ou fazer (FOUCAULT, 1996): a iniciativa só poderia ser do homem.

Ambos compreendem o texto e o parafraseiam, além de lhe perceberem o caráter fático. Acrescentam também argumentos que comprovam a “verdade” contada pelo autor da frase: ambos repetem o verbo “fingir”; ela se serve de “mas como?” e “então...”; ele emprega o operador “até”, confirmando a crença. Na enunciação masculina, não há associação do texto ao sexo do produtor. Ele se

prende ao sentido restrito das palavras sem ir à significação da microestrutura (VAN DIJK, 1989), enquanto ela incorpora a situação extralingüística (COSERIU, 1979) em sua argumentação.

A enunciação feminina insinua ainda uma inferência sócio-cultural: a capacidade feminina de dissimulação.

### 2.3 Grupo 2: questões de ordem político-social

Nesse grupo, foram classificados 12 textos, a saber: 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25.

#### Texto 14



Estruturado em duas partes, o texto apresenta-se ao leitor com a configuração típica de texto descritivo do gênero “definição”, manifesto pela presença do verbo “ser”. Na primeira parte, escrita na frente da camiseta, o enunciado surge como uma crítica ao estudo dos ecossistemas, carregada de preconceito, sentido acionado pelo substantivo “veadinho” – metáfora zoomórfica, conotativa, aplicada a homossexuais masculinos – e pelo diminutivo, depreciativo,

no contexto. Acrescenta-se a esses recursos, o uso da expressão “é coisa de”, que reforça o sema “+humano” em “veadinho”.

A segunda parte, por sua vez, seria responsável por desfazer os sentidos produzidos na primeira: os núcleos substantivos que representam (outros) animais vêm associar-se, por adição, ao anterior, o que desencadeia um outro plano de leitura (FIORIN e SAVIOLI, 1996): uma referência afetiva às diferentes espécies de animais (- humano) “protegidos” por aqueles que estudam Ecologia.

Ocorre que o primeiro plano de leitura instaurado não se desfaz, porque convocado pelo sujeito da enunciação a partir de formações sócio-ideológicas, do imaginário coletivo e de “relações específicas com a linguagem” (BRAIT, 1996, p. 107-8): a conotação co-ocorre com a denotação, gerando a ironia, em que, polifonicamente, duas vozes coexistem, produzindo, no caso, a ambigüidade e o riso ou a indignação, uma vez que o referente não é explicitado.

**Entrevistado 27 (H):**

“ ã.. não é nada disso aí, eu acho que ecologia é uma coisa que todos nós devemos preservar, devemos pensar, analisar pro futuro do nosso mundo. ”

**Entrevistado 28 (M):**

“ Eu entendi que na matéria de Ecologia você estuda .. é... sobre os veados, macacos e sobre os leãozinhos.

A leitura que os dois entrevistados produzem comprova a ambigüidade do enunciado: enquanto ele reconhece o primeiro plano desencadeado e o refuta, repetindo o já-dito (PÊCHEUX, 1990), ela “lê” a mensagem da segunda parte, com a qual diz concordar, validando o discurso escolar.

O texto aqui analisado é uma ocorrência de menor frequência no corpus: em vez de a elucidação referenciar um teor negativo, ela o faz com teor positivo, embora a palavra “veadinho”, mesmo com seu sentido denotativo revelado (veado-animal), não deixe de evocar seu sentido pejorativo (veado-homossexual masculino). Em proposta diversa à dos outros textos analisados, os quais põem, de imediato, um sentido para determinado item, esse texto abre-se para a dualidade.

### Texto 15



Enunciado em primeira pessoa e embora sem destinatário explícito, o texto emerge como uma réplica a um enunciado anterior: “você é gordo”, e que seria enunciado, “vestido”, por pessoas gordas. Também pode ser lido como a antecipação de hipóteses (BAKHTIN, 2000), destinado a controlar o outro.

O enunciador tenta superar a ameaça de uma desvalorização, se pensarmos que “ser gordo” é, no contexto das relações e práticas sociais de nossa época, um padrão considerado não desejável, enquanto “ser *soft*” (‘macio’, ‘fofo’) produz efeitos positivos, mesmo que a competência léxica do leitor não lhe permita decifrar o significado de *soft*.

Assim, o enunciador (e aquele que “usa o texto”), não se limita a transmitir conteúdos, mas se empenha em manifestar uma posição por meio do que diz, “negociando sua própria emergência no discurso” e, ao mesmo tempo, antecipando o dizer do outro (BAKHTIN, 2000).

**Entrevistado 29 (H):**

“A frase que não sou gordo sou *soft* ... talvez ela explique .. queira demonstrar aqui uma satisfação pessoal né, é ... uma análise pessoal dele ... talvez ele esteja um pouquinho gordinho aí, mas ele se sente muito bem com o .. ã .. a sua compreensão física .. com a maneira que ele está .. acho que isso aí demonstra isso ... ele não tem nenhuma preocupação em se apresentar .. um pouquinho talvez fora de forma porque ele se considera assim num padrão que é suficiente pra ele, é ... ele acha que é nessa linha que ele ta analisando aqui a frase .”

**Entrevistado 30 (M):**

“ Eu o que eu entendi na frase ... não sou gordo .. sou *soft*, é porque *soft* é macio, fofinho.. ( risadas ) .”

Segundo o entrevistado, o enunciador se reconhece como “gordo” e aceita sua condição (embora esse entrevistado deixe marcas de que não acredita no que afirma). Esse leitor parece conceber o clasema “gordo” como interdito, pois não menciona a palavra; antes, procura-lhe sinônimos, torneios sintáticos ou emprega o diminutivo, com o propósito de suavizar o efeito da palavra.

### Texto 16



O texto desencadeia dois planos de leitura (FIORIN e SAVIOLI, 1996), dos quais prevalecerá o que se produz após a leitura global. Em “Deixei meu coração no Rio”, frase escrita na parte frontal da camiseta, o leitor pode inferir que o enunciador apaixonou-se por alguém que conheceu (e deixou) no Rio de Janeiro, ou, talvez, que tenha gostado muito da cidade. As reticências apontariam o estado emocional do produtor, seu lamento.

O escrito das costas do portador do texto faz desmontar-se, todavia (ainda que não completamente) esse sentido e provoca a emergência de outro – que prevalece sobre o primeiro –, que remete aos constantes roubos e furtos que ocorrem na “cidade maravilhosa”.

A construção sintática por meio da qual se coordenam os objetos/complementos do verbo “deixar” transporta o referente “coração” – antes no plano conotativo, abstrato, metonímico – para o rol dos objetos concretos, promovendo o sentido de “jóia”.

É inegável que também se pode fazer a primeira leitura de “coração” – porque o texto é irônico, ambíguo –, mas ela fica enfraquecida no texto global. Acrescente-se que se trata de uma paródia das inscrições de cunho publicitário de

outras peças dessa natureza, destinadas a turistas. Ademais, é transgressão ao gênero “propaganda”, fato muito bem explorado por Gregolin (2005).

**Entrevistado 31 (H):**

“ Mas eu não deixei o coração ... simplesmente .. eu entendi que deixei o relógio, o cordão, a carteira e a máquina fotográfica.”

**Entrevistado 32 (M):**

“ Sobre a frase eu entendi o seguinte : que a pessoa deixou de viver, porque jogou o coração dele no rio ... o rio é uma água que deve ser corrente né, e levou o relógio dele, o cordão , a carteira e a máquina fotográfica. Eu acho que simplesmente essa pessoa morreu, deixou de viver.”

Os dois entrevistados atêm-se à paráfrase pura e simples da frase, aos explícitos, porém não associam a frase a “Rio de Janeiro”, porque não atentam para a inicial maiúscula, ou não produzem a “percepção fisiológica do signo” (BAKHTIN, 2000), talvez a primeira chave do texto. A entrevistada chega mesmo a uma leitura equivocada, não inscrita no texto como virtualidade.

**Texto 17**



“Rio”, grafado com letras maiúsculas, é, no texto global, referência ao Rio de Janeiro como local onde proliferam manifestações de violência diariamente veiculadas pela mídia. Dialogando com outros textos e discursos – aquele que divulga a violência do Rio de Janeiro e afugenta o outro; aquele que valoriza a cidade; a frase cristalizada “viver perigosamente” –, o produtor congrega-os e produz um novo texto, organizado em dois períodos simples, em que se exploram vários implícitos: viver no Rio é perigoso; quem teme o perigo não mora no Rio; quem gosta de perigo escolhe um lugar como o Rio para morar.

Não se pode ignorar o sentido de desafio à coragem do outro que se instaura na frase, produzindo uma transgressão ao modelo de propaganda geralmente divulgado.

**Entrevistado 33 (H):**

“ Porque o lugar onde eu moro é um lugar perigoso .. e .. se eu não gostasse de correr risco eu não viveria jamais nesse lugar.”

**Entrevistado 34 (M):**

“ É ... Eu entendi que uma pessoa que .. que ela busca aventura ... é viver perigos ... eu acho que um rio, ele ...lhe proporciona isso..e é assim . ”

O entrevistado “encarna” o enunciador e capta o sentido de gosto pelo perigo, de risco, também identificados pela entrevistada; porém o índice mais forte do texto – a inicial maiúscula – não é observado por nenhum dos dois.

**Texto 18**

A frase é uma paródia por subversão (MAINGUENEAU, 2001, p. 169) da conhecida advertência quanto ao uso do cigarro, presente em campanhas anti-tabaco e até na embalagem do produto: “O Ministério da Saúde adverte: fumar é prejudicial à saúde”. Em uma inversão radical de valores – decorrente da mudança na ordem de colocação das formas lingüísticas –, o cigarro passa a ser o “conselheiro” que adverte quanto aos malefícios provocados pelo governo, que assume, no novo texto, o papel de vilão da saúde.

Configura-se, na frase, uma autêntica contestação da autoridade do primeiro enunciador pela subversão dos valores estabelecidos: o sujeito da enunciação qualifica-se como autorizado a dizer, ao mesmo tempo em que qualifica o cigarro como autoridade instituída e desqualifica o governo.

A frase constrói-se sobre a ironia intertextual e interdiscursiva (BRAIT, 1996), exigindo que o leitor participe da memória discursiva, numa recuperação crítica de discursos marcantes.

**Entrevistado 35 (H):**

“A leitura que eu tenho da frase da camisa aqui é que o cigarro pode ser prejudicial a saúde, só que o governo na atual conjuntura do Brasil tá bem mais prejudicial a saúde de qualquer um do que o cigarro.”

**Entrevistado 36 (M):**

“Eu entendo que o governo não está como deveria, precisa melhorar muito, embora eu também sou contra o cigarro , certo? , entendo que esta frase seja uma crítica ao governo e a esperança que os políticos sejam honestos, pelo menos a maioria , para poder melhorar o Brasil.”

Os entrevistados entendem o conteúdo do texto, embora tenham o cuidado de marcar sua posição quanto aos efeitos nocivos do cigarro, mensagem enfraquecida no texto da camiseta, em que também não transparece a idéia de esperança identificada pela leitora, que põe em cena suas idiossincrasias.

**Texto 19**

Como um afrontoso grito de libertação, a parte frontal da camiseta traz o termo chulo “putas” para chocar o leitor, que busca, nas costas, uma explicação para o “desabafo”. Ali se completa o sentido global do texto, sugerindo a falta de solução para os problemas nacionais e deixando pressuposto que mãe de político é “puta”, num argumento generalizante.

Justapostos, como dois períodos simples sem conector, os textos unem-se por coordenação: a segunda traz a justificativa da enunciação da primeira. O enunciador justifica-se por haver dito o palavrão, por haver enunciado sua posição. Justificação necessária porque vai contra o que pode ser dito (a já mencionada “ordem do discurso” de Foucault) e porque pressupõe uma contestação, e é a “verdade” apresentada nas costas (pelo mesmo enunciador, numa enunciação aparentemente monofônica) que pode legitimar a enunciação da primeira frase.

Importa acrescentar que o problema de coesão referencial (KOCH, 1994) manifesto em “[filhos]dela” (e não “delas”, como exigiriam as “regras” textuais) praticamente não é percebido porque remete ao conhecido “filhos da puta”, em que apenas o primeiro elemento do sintagma vai para o plural (conforme ditam as regras de concordância).

**Entrevistado 37 (H):**

“Entendo que isso aqui mostra que .. mais uma vez o quanto a gente ta de saco cheio da..da... corrupção..ã...e de quem está representando a gente no congresso.”

**Entrevistado 38 (M):**

“A leitura que eu tenho é que a total falta de credibilidade, a desesperança do povo, é generalizando de que todos que estão lá são desse nível.”

Não há qualquer reação negativa dos entrevistados ao palavrão (embora eles não o repitam), porque ele está justificado, e essa justificativa – bem como o modelo comum “filhos da puta”, aplicado a políticos – está presente no imaginário coletivo e na memória dos entrevistados. Acrescente-se que o sentido de generalização construído no texto, especialmente pelo artigo definido, é apreendido por ambos, especialmente pela mulher, que o menciona em sua fala.

### Texto 20



O texto da camiseta remete a dois presidentes nacionais. O primeiro Fernando é Collor de Mello, atingido pelo *impeachment*, o segundo, é FHC, presidente que, reeleito, permaneceu oito anos no poder. O texto é bastante criativo e utiliza a rima como recurso de construção para evidenciar os caminhos do País em direção ao fim, efeito produzido pelo jogo com a perífrase aspectual “vai se acabando” – em que o auxiliar, seguido de gerúndio, aponta para um processo em curso e o verbo nocional sugere terminalidade (DURIGAN, 1995) –, idéias acentuadas pelo efeito da expressão de natureza progressivo-temporal-proporcional “De Fernando em Fernando”. Há de se acrescentar o efeito de verdade produzido pelo uso do presente do indicativo (DURIGAN e RODRIGUES, 2003).

**Entrevistado 39 (H):**

" Com o Fernando o Brasil começou a crescer, só no primeiro tempo dele, no segundo o país passou a decrescer, só que esta frase de Fernando em Fernando o Brasil vai se acabando, ele não concordo porque após Fernando veio outros nomes, agora concordo sim que cada um que entra, que substitui o anterior, o Brasil seja quem for o nome do Brasil vai se acabando. "

**Entrevistado 40 (M):**

" Eu entendo que a corrupção desde longe...desde Cabral, mas na época do Fernando foi que se agravou mais e ficou mais evidente pela mídia e com os caras pintadas que foram pra rua e o povo acompanhava os acontecimentos e hoje nós estamos aí com a mesma corrupção. "

O entrevistado não menciona Collor, restringindo seu comentário aos mandatos de Fernando Henrique, sugerindo que este teria sido "dois", mas "tirando o peso das costas" do ex-presidente e dividindo a culpa entre todos, "iguais", validando o discurso do senso comum que circula na sociedade.

Não há, no texto, menção explícita a corrupção, porém, como "em cada ato de fala intervêm tanto a situação imediata quanto a história e a memória [...]" (GREGOLIN, 2005, p. 25), a entrevistada convoca esse sentido, determinado por fatores sócio-ideológicos, bem como a História "desde Cabral" e o discurso de divisão da culpa, inscrito em nossas práticas sociais e discursivas (PÊCHEUX, 1990).

**Texto 21**

O emprego de “te” evidencia o que já se insinua pela primeira palavra da frase, ainda que não haja qualquer sinal de pontuação: “Brasil” é o interlocutor instituído pelo enunciador e a quem este se dirige para “contar” uma verdade e aconselhar. O primeiro plano de leitura que se desencadeia é o que reconhece, em “USA”, um verbo transitivo direto – com sentido depreciativo –, posto que há um objeto “te”. Uma inspeção mais atenta põe em evidência, pelo emprego das letras maiúsculas, um outro sentido da seqüência “USA”, que coexiste com o anterior: USA é a sigla de United States of América, país conhecido como explorador das nações de Terceiro Mundo, remetendo o leitor ao discurso da História, que tem demonstrado a subordinação (‘ser usado por’) do Brasil à política externa e aos interesses dos Estados Unidos, ao crescente número de multinacionais instaladas no País, USAndo-nos e produzindo o colonialismo cultural (ALVES, 2000). Importa destacar o diálogo intertextual por captação (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004) que se estabelece entre o texto e a letra de “Geração coca-cola”, canção gravada pela banda Legião Urbana, com letra de Renato Russo: “Quando fomos programados a receber o que vocês nos empurraram com os enlatados dos USA [...]”. O texto evoca, ainda, o discurso patriótico e faz lembrar o slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

**Entrevistado 41 (H):**

“ Na frase eu entendo que usa significa tanto os Estados Unidos da América do Norte quanto ao verbo usar, então são dois sentidos, no sentido de que os Estados Unidos que usa o Brasil e não o ama. ”

**Entrevistado 42 (M):**

“ Pra mim esta frase significa a diversidade que existe em economia, .. é em educação e saúde entre os Estados Unidos da América e o Brasil. Significa que o brasileiro, ele não pode mesmo amar os Estados Unidos porque ele tem que vestir a camisa do Brasil, ele tem que ser brasileiro, ele tem que amar o país dele, e fazer o Brasil crescer e não querer que o Brasil seja como os Estados Unidos da América.

O entrevistado decodifica o texto e compreende os dois sentidos de “USA”, sem, todavia, estender-se em interpretações. A entrevistada, por sua vez, não se prende às informações da superfície textual, demonstrando perceber o patriotismo implícito, porém defendendo uma outra “bandeira”: ela termina dando a entender que é o Brasil que inveja os Estados Unidos, embora apele para que a população volte sua luta para seu país. O discurso do entrevistado remete muito mais à dominação que os Estados Unidos têm sobre o Brasil, enquanto o da entrevistada se preocupa com as influências culturais.

**Texto 22**

O texto desta camiseta apela ao amor pela Pátria, independente da postura e atitude de certos brasileiros que não a respeitam, os “filhos da puta”, conforme se pode inferir. O texto mantém ainda uma relação intertextual com o Hino Nacional e com o discurso patriótico, com os quais dialoga parodicamente (BAKHTIN, 1999).

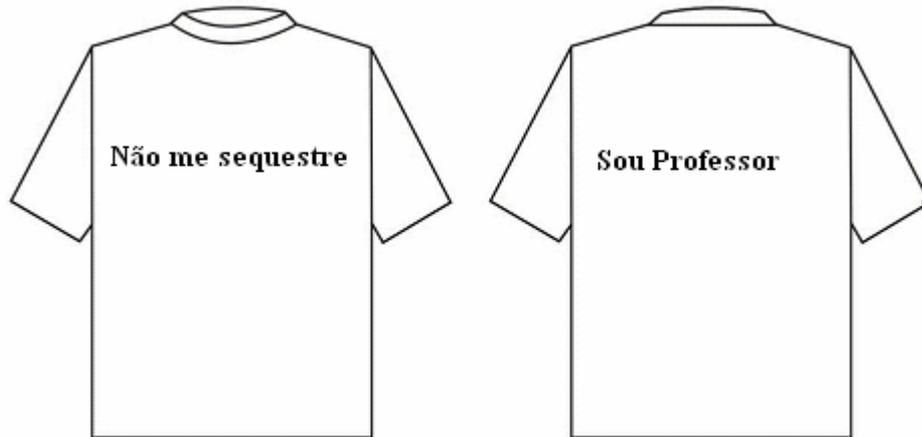
**Entrevistado 43 (H):**

“ A Pátria ... A Pátria representa tudo pra gente, representa ã .. o equilíbrio, a formação das pessoas, o respeito pela Bandeira, pelo Hino Nacional, isso eu acho que é Pátria, o respeito que nós temos que ter pelo nosso símbolo maior que é nossa Bandeira. Com relação .. dos filhos que tem, é que realmente não tem culpa dos filhos que tem, os filhos são como dedo ... uns mais amáveis, outros são mais distantes, uns são mais expansivos, uns mais retraídos, então a gente procura dar ao filho o caminho para cada um deles seguir o caminho que acharem melhor pra eles, especialmente depois que concluir uma faculdade, ou uma escola ... ou por fim se casarem ... família não escolhe nem com quem vão casar, nem a profissão, ... os filhos são totalmente independentes, nós só temos que dar condições pra eles terem essa certeza de estar fazendo o melhor. ”

**Entrevistado 44 (M):**

“ eu entendi nessa frase que infelizmente tudo que ta acontecendo hoje no Brasil, no mundo inteiro, as guerras, a Bandeira ... é falta de respeito ao próximo, ninguém tem mais respeito por ninguém. Infelizmente a Bandeira eu acho que ta um pouco de vergonha de tudo que ta acontecendo, o que eu entendo foi isso ... que a nossa Pátria infelizmente ninguém ta mais aí com a Pátria porque tem roubalheira, assassinatos e muitas roubalheiras.”

O termo “pátria” assume significação tão forte no discurso do entrevistado, que ele enumera alguns dos símbolos nacionais para definir esse conceito, tais quais a Bandeira e o Hino Nacional, aliados à base familiar. Quanto ao sentido de “filhos”, ele o desloca para o de “filhos de sangue”, que os pais precisam educar, alimentar, criar, possivelmente porque seu ato de fala insere-se em uma determinada condição de produção em que é proibido um certo dizer (PÊCHEUX, 1990), além de que seu dizer se configura como resposta a enunciados anteriores e como desejo de respostas futuras (BAKHTIN, 2000). A entrevistada também reconhece o valor dos símbolos nacionais e prende-se ao sentido de “amor à Pátria”, cooperando com o enunciador.

**Texto 23**

A parte frontal da camiseta tem um pedido ou súplica, estruturado com o imperativo negativo. Nas costas, a razão do pedido. Embora sejam dois períodos simples, o leitor pode reconhecer, no segundo, uma oração explicativa, que poderia ser introduzida pelo articulador “porque”: ela apresenta o argumento que justifica a enunciação do primeiro enunciado. Inúmeros são os não-ditos que significam (MAINGUENEAU, 2001), como a profissão mal remunerada, a desimportância do profissional e da profissão, o que torna o texto extremamente irônico. A profissão de professor é, no país, ao menos para o senso comum, realmente mal paga e pouco valorizada; logo ninguém se importaria com a falta de um professor, muito menos com o pagamento de seu resgate.

**Entrevistado 45 (H):**

" Infelizmente o professor é uma classe falida neste país, embora de grande importância, ele está totalmente falido."

**Entrevistado 46 (M):**

" O professor ganha muito pouco, mal dá pra sobreviver, ele não tem aumento há muitos anos, o professor é essencial para os nossos filhos, ele merece mais respeito de toda população."

O entrevistado apresenta, no primeiro enunciado, a noção de “classe”, dotada de um sentido de pluralidade, embora esse sentido não esteja presente na superfície do texto da camiseta, que, pelas marcas de primeira pessoa (o pronome “me” e a forma verbal “sou”), apontariam para um enunciador único. Ele especifica o grupo de professores a que se refere quando aponta “neste país”. O discurso do entrevistado não deixa de remeter à importância do professor, antigamente visto como modelo de conduta e admirado por todos, no entanto o ponto mais forte é o financeiro. O termo “falido” aparece duas vezes no sentido de sem condições financeiras e de desacreditado; a primeira, junto ao termo “classe”, e a segunda qualificando o termo “ele”, anafórico em relação a professor.

A questão financeira também é o primeiro apelo no discurso da entrevistada, que afirma ser muito baixo o salário do professor, um dos não-ditos (DUCROT, 1987) do enunciado em análise.

O entrevistado deixa-se levar pela noção de grupo, de forças unidas, enquanto a entrevistada apresenta valores de família e preocupação com a imagem do professor para a sociedade e sua (real) importância.

#### **Texto 24**



Na parte frontal da camiseta, mobiliza-se um modelo universal, veiculado como verdade absoluta pelo presente do indicativo e pelo fato de essa “verdade” fazer parte do imaginário coletivo: cultura enriquece o espírito, engrandece aquele que a possui/recebe. A leitura da frase escrita nas costas traz, porém, o outro sentido de “enriquecer” – o denotativo, que se situa no campo econômico – e instaura uma outra leitura, que inverte o beneficiário desse bem: as escolas particulares tornam ricos os seus proprietários. Assim, desfaz-se, ironicamente, o mito da escola como produtora/fonte de conhecimento e cultura, que circula amplamente na sociedade, e o discurso agora construído põe em movimento esse discurso institucionalizado, deslocando sentidos: desqualifica-se a Escola, subvertem-se valores estabelecidos.

O recurso lingüístico de que se vale o produtor é a polissemia de “enriquecer”, que lhe permite a construção do jogo polifônico - A intenção real da frase é afirmar, de maneira irônica, que o estudo no Brasil está caro. Essa ironia vem, em primeiro plano, por meio do modelo, quase universal, de que “cultura enriquece”, isso é, engrandece, enobrece, torna erudito. Em segundo plano, o restante do texto “pergunte aos donos de escola” altera o significado do modelo universal posto acima, remetendo a enriquecimento financeiro, o que advém da polissemia do termo “enriquecer”.

**Entrevistado 47 (H):**

“ Ah, po, claro que enriquece, tem ...todo mundo tem que estudar, tem que melhorar, tem que procurar adquirir conhecimentos, quanto mais melhor, e a Escola é o lugar certo pra isso. ”

**Entrevistado 48 (M):**

“ Vamos ser mais inteligentes nas opiniões e decisões. ”

O entrevistado fica apenas no modelo universal e, aparentemente, não percebe a ironia ou a ignora intencionalmente, pelo fato de ser professor – alguém que não poderia negar a primeira verdade.

Quanto à entrevistada, prefere responder evasivamente, deixando a cargo de seu leitor recuperar os subentendidos.

**Texto 25**

Ratificando uma “verdade” inscrita no imaginário popular, o texto surge estruturado sob a forma de um enunciado de valor semântico de proporcionalidade, fundado, lingüisticamente, na correlação “quanto mais ... mais”. O texto parece insinuar-se como feminista, à primeira vista, no entanto “homens” remete a toda a humanidade, aos seres humanos em geral, e seus sentidos são cristalizados: recolocam-se sentidos já estabelecidos (a fidelidade do cão e a indignidade dos

homens), contribuindo para a fixação de identidades pré-formatadas (tanto que sua “verdade” se confirma na leitura de ambos os entrevistados).

**Entrevistado 49 (H):**

“ É ... quanto mais conheço os homens eu gosto do meu cachorro ... é ...o que eu posso entender com essa frase é que .. é .. assim ... o temperamento dos homens, como os homens são falsos .. é ..como posso te dizer melhor .. é ... os cachorros .. é .. a gente pode confiar ... e nas pessoas por mais que possa estar perto da gente por muito tempo, por muitos anos, você jamais vai saber o que elas pensam e os cachorros já ao contrário é ... sei lá, são, realmente o melhor amigo do homem, porque nele se pode ter certeza que nunca irão te trair.”

**Entrevistado 50 (M):**

“ Eu entendi o seguinte : que com os homens, a gente pode se decepcionar. Os homens, eles , podem te trair, são falsos. A gente pode se desiludir com alguma conduta que o homem pode tomar. Ao contrário do animal ... do cão né ... principalmente quando ele é seu. O cão , ele é um animal .... independente da atitude que você toma, ele não te julga, ele não te condena, ele é fiel, ele não te trai ..e ... e sempre quando você precisa de um apoio, ele tá pronto, à disposição pra te amparar e pra te consolar.”

A entrevistada parece não perceber o sentido de generalização, “aplicando” a verdade – com a qual concorda – apenas ao sexo masculino, pondo à mostra um discurso de ressentimento em que se insinua um modelo feminista. Já o entrevistado inicia com a idéia principal de que “... os homens são falsos...”, no entanto, ao substituir o termo “homens” pelo termo “pessoas”, ele passa à noção de universalidade.

A entrevistada apela para a falta de inteligência do cachorro para poder compará-lo ao homem.

## 2.4 Grupo 3 : Vícios

Nesse grupo, foram classificados 5 textos, a saber : 26, 27, 28, 29 e 30.

### Texto 26



Estruturalmente, o texto aciona os conhecimentos lingüísticos e textuais do leitor: à hipótese/causa que se apresenta na frente da camiseta, deve seguir-se um “conselho”, que virá sob a forma imperativa, dado que se confirma. Quanto ao tema, fica pressuposto que o interlocutor é casado e costuma beber. Com base em conhecimentos de mundo, especialmente no que concerne às práticas sociais “politicamente corretas”, o leitor é conduzido a esperar que, nas costas da camiseta, surja “abandone a bebida”, porém essa expectativa é desfeita, porque o texto transgride as normas sociais. A frase inscreve como destinatário um homem, que, entre a bebida e a mulher, deve optar pela primeira, numa apologia ao vício. O texto desvaloriza, então, a instituição social do matrimônio e a mulher, à medida que os torna menos importantes que a bebida.

**Entrevistado 51 (H):**

“ Eu .. a Bebida .. prejudica muito sim o relacionamento entre duas pessoas no casamento ... eu acho que da minha parte, prejudica muito. ”

**Entrevistado 52 (M):**

“ Eu não concordo com essa frase, porque em primeiro lugar está a família, a pessoa tem que se ajudar, não destruir um lar por causa de uma bebida, essa é minha opinião.”

O entrevistado discorda da mensagem e defende a instituição “matrimônio”; a entrevistada, presa aos laços institucionais, acentua o valor da família e do lar, carregados de significação afetiva em sua fala.

Os dois textos a seguir analisados parecem não vir de um modelo pronto e criam um efeito humorístico, derivado da reinvenção de palavras. Ocorre, porém, que subvertem o gênero discursivo “propaganda”, de ampla circulação em nossa sociedade, à medida que trazem, num mesmo texto, diferentes marcas de cerveja, na frase 27, e diferentes tipos de bebidas alcoólicas, em 28, e não um único produto, como é usual no gênero. Os textos não conservam certas propriedades do texto publicitário, como o anúncio de um único produto, e produzem a transgressão da construção composicional (GREGOLIN, 2005).

Os autores exploram o componente grafofônico e semântico do sistema lingüístico da língua portuguesa, criando palavras por meio de processos canônicos de constituição do léxico.

Ainda que nem todas as palavras ali criadas sejam reconhecidas como pertencentes ao léxico português, os leitores são capazes de inferir-lhes o

significado, associando-os, pela semelhança fônica, a formas usadas pelos falantes de nossa língua. A mensagem global é: o que importa é beber; não importa a marca.

### Texto 27



### Entrevistado 53 (H):

“ Eu achei interessante e criativo e me fez ..é ..remeter o tempo de Terceiro Colegial..de .. de Escola, quando a gente enforcava aula para ir jogar Sinuca e ir beber cerveja.”

### Entrevistado 54 (M):

“ E ... No meu ponto de vista, essas mensagens de camisetas com marcas de cervejas são mensagens que ocorrem no nosso dia a dia , uma mensagem subjetiva, com um certo carisma e uma brincadeira humorística ... legal”

**Texto 28****Entrevistado 55 (H):**

“ Eu entendi que é mais uma brincadeira da pessoa que está usando a camiseta, que mistura nome de cerveja e bebidas alcoólicas com palavras assim , uma frase qualquer.”

**Entrevistado 56 (M):**

“ Isso mostra para a gente em princípio que a gente não deve comparar as pessoas , não pode julgar as pessoas sem saber como as pessoas são. Realmente a gente olha para uma pessoa, a gente não conhece, não sabe da onde veio, por isso a gente não pode comparar, julgar as pessoas...como ... sem a gente saber quem é ... da maneira que a pessoa é .”

Ambos os entrevistados detêm-se, no caso da figura 27, na criatividade do produtor e no efeito humorístico produzido, sem mencionarem a transgressão do gênero. No caso da figura 28, a leitura da entrevistada extrapola o plano da expressão e capta uma possível mensagem contra o preconceito e os pré-julgamentos.

**Texto 29**

Caracterizado por um alto grau de imprevisibilidade (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981), o texto total nasce da junção, por um articulador de natureza disjuntiva (KOCH, 2002), de dois textos que circulam amplamente na sociedade, produzindo-se um efeito de deslocamento de sentidos e, pois, de transgressão (GREGOLIN, 2005).

Outros traços da superfície textual – no plano das microestruturas (VAN DIJK, 1989) – concorrem para a construção da mensagem transgressora. De “os homens” para “o homem”, há uma mudança do particular para o geral, que contribui para a quebra da expectativa. Ao ler o enunciado da parte frontal, pontuado com reticências, o leitor aciona alguns modelos: os homens (representantes do sexo masculino) podem ter problemas com seu desempenho sexual em decorrência da ingestão de bebidas alcoólicas, ou problemas de relacionamento. Esses modelos conduzem esse leitor a esperar um “conselho” (não beber), ou uma justificativa para a enunciação da primeira parte do texto. Ocorre que, ao contrário, surge um incentivo, implícito, subentendido, à ingestão de bebidas, porque desafia o homem a não ser covarde, outro discurso que constitui o imaginário coletivo.

**Entrevistado 57 (H):**

“É sobre isso..bom...eu não entendi muito bem sobre isso, mas eu vamos ver..eu acho que a covardia não é o homem fugir daquilo que não... não entendi bem não...peraí. Não..não sei dizer o que é isso não, bom..o homem pode tá vivido mas não é porque ele é covarde e sim porque ele não quer cometer nenhum ato que ele não possa ter o controle daquilo..foi isso que eu entendi.”

**Entrevistado 58 (M):**

“Eu acho que a bebida...ela é a pior inimiga porque é um vício. A pessoa se vicia nela e as vezes o homem tem que ser covarde pra certas coisas e nem em tudo ele tem que ser o corajoso.”

Ambos os entrevistados compreendem a mensagem global, mas não se detêm no texto; preferem direcionar sua leitura/interpretação para seus modelos pessoais, contrários à bebida, destacando-se que a entrevistada refuta a “verdade” proposta.

**Texto 30**

O enunciado da parte frontal da camiseta evoca textos cristalizados de campanhas anti-drogas, que estão na ordem do discurso, porque evocam/veiculam valores politicamente corretos (“diga não às drogas”) – em que o objeto inanimado é antropomorfizado, porque metonímico (dizer não a quem oferece drogas) – e surge como uma réplica ou resposta ao enunciado de advertência, ao conselho enunciado. Com ponto final, apresenta-se ao leitor como completo, permitindo-lhe inferir que o enunciador/portador atendeu ao apelo da campanha: ou deixou de usar drogas, ou resistiu a elas, apresentando-se como um modelo a ser seguido.

A leitura do texto das costas, introduzido pelo articulador “mas”, destrói a primeira leitura e produz um novo texto, deixando pressuposto que o enunciador é usuário. Sai-se da instância do chavão e inaugura-se um novo “acontecimento” (PÊCHEUX, 1990). O novo enunciador brinca com o texto anterior e, dissimulado, finge não saber que drogas não têm ouvidos (porque se mantêm os traços + animado; + humano), produzindo humor (negro, evidentemente) e carnavalizando a mensagem anterior (BAKHTIN, 1999), com a qual dialoga pelo avesso.

**Entrevistado 59 (H):**

“Eu acho que você não queria ...você no caso queria ..não queria usar né..é..e alguém insistindo por alguma razão.Assim que eu entendi né, correto.

**Entrevistado 60 (M):**

“Eu acho que essa pessoa ou já usou as drogas ou tá numa campanha a respeito disso..não tem como saber..se já usou drogas ou não. Pode estar nos dois casos..bom..é isso que eu acho...”

O entrevistado compreende o texto e, possivelmente influenciado pelas práticas usuais na sociedade, percebe um sentido de insistência do interlocutor, latente no enunciado, produzindo uma leitura que faz do portador do texto uma vítima. Leitura possível, mas dificilmente a pretendida por seu criador. A entrevistada procura relacionar o texto às condições de produção e identifica os diferentes possíveis enunciadoreis do novo texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises aqui empreendidas, procuramos, em primeiro plano, percorrer os três momentos previstos pela Lingüística Textual – a relação entre enunciados, à verificação da competência textual dos leitores e o texto em uso –, para, em seguida, identificar relações entre enunciados e enunciações e tangenciar o plano do discurso.

No que concerne ao plano textual, a realização desta pesquisa permitiu-nos constatar que os 30 textos analisados apresentaram todos os padrões de textualidade e caracterizaram-se pela intencionalidade/argumentatividade (no sentido de BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981, e de KOCH & TRAVAGLIA, 1990, respectivamente) e pela presença de argumentos acessíveis aos interlocutores, embora o quesito “aceitabilidade” pareça ter-se comprometido no desempenho de 17 leitores (textos 4, 6, 9, 12, 14, 16, 17, 24, 29, 30). A intertextualidade evidenciou-se em 29 dos 30 textos, manifestando-se, predominantemente, sob a forma de paródia por subversão, além de que o processo de construção desse tipo de textos fundou-se nesse padrão.

Outro dado que merece destaque é o tom chistoso que se inscreve nos textos, já que produzidos com a “função social específica” de transgredir a ordem instituída – parecendo inaugurar um “gênero” ainda não incluído nas taxonomias existentes – e construídos lingüística e discursivamente com recursos que nos permitiram enquadrá-los em três grupos (embora os traços se mesquem): provérbios (textos 1, 6, 10, 11, 12, 18 e 30), slogans (textos 3, 6, 8, 14, 15, 20, 21, 22 e 23) e propagandas (textos 2, 4, 5, 9, 13, 16, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 28 e 29). Destaque-se

que os textos analisados procuram, por um lado e por meio de diferentes formas de subversão, desfazer estereótipos; por outro, criar (outros) estereótipos, agora em tom de chiste. Em suma, os textos analisados captam (e apossam-se dela) a forma dos gêneros discursivos slogan, provérbio e propaganda, mas ironizam, transgridem ou contestam seus conteúdos.

Os textos 1, 10, 11, 12, 18 e 30 congregam características de provérbio, à medida que, polifônicos, constituem “asserções sobre a maneira como funciona o mundo” (MAINGUENEAU, 2001) e trazem um enunciador que retoma as inúmeras enunciações anteriores orquestradas pelo coro da sabedoria popular, cuja identificação cabe ao co-enunciador. O trabalho desse co-enunciador – os diferentes leitores-entrevistados – sustentou-se em sua memória (arquivo de enunciados conhecidos) e nas propriedades lingüísticas desses textos: textos curtos, rimas, simetrias, entre outros traços, como a remissão a outros textos.

No caso dos textos 1 e 12, são generalizações cuja fonte enunciativa é apagada, enquanto nos textos 10, 18 e 30, há um tom sentencioso que parece separar o enunciador e o responsável pela asserção, embora essa separação seja muito difícil, posto que o primeiro é co-responsável pela assertiva: “cada locutor é indiretamente um dos membros da sabedoria popular (MAINGUENEAU, 2001, p. 170).

Já os textos 3, 6, 8, 14, 15, 20, 21, 22 e 23 assumem características de slogan – “fórmula curta destinada a ser repetida por um número ilimitado de locutores” (MAINGUENEAU, 2001, p. 171), que se apresentam ancorados na situação de enunciação, em contextos particulares. Seu valor pragmático – diferente do valor do provérbio – é o de “fixar na memória dos consumidores potenciais a associação entre a marca e um argumento persuasivo para a compra”

(MAINGUENEAU, 2001, p. 171), sofrendo influência direta das transformações da mídia (imagens, história).

No gênero propaganda, podem ser incluídos os textos 2, 4, 5, 9, 13, 16, 17, 19, 24, 25, 26, 27, 28 e 29, cujo papel é, em primeiro plano, o de fazer o outro querer/não querer algo.

Verificou-se que todos os leitores aplicaram, durante a leitura do texto a que eram submetidos, seus esquemas mentais e suas estruturas cognitivas e metacognitivas, destacando-se, em especial, o caso dos entrevistados 13 e 14, texto 7. Constatou-se, ademais, em 5 textos, a “competência necessariamente textual” a que se referiu Van Dijk (1977), bem como o papel da MCP – transformação de superfície em informações semânticas armazenadas na MLP – (textos 1, 12, 18, 19 e 20; leitores 1, 2, 23, 24, 35, 36, 37, 38, 39 e 40) e o uso da macrorregra de seleção (leitores 13 e 14; texto 7).

Nem sempre ocorreu, no entanto, na atuação dos leitores entrevistados, a captação dos implícitos (no caso do texto 4, entrevistado 7; texto 6, entrevistados 11 e 12; texto 9, entrevistada 18; texto 12, entrevistados 23 e 24; texto 14, entrevistados 27 e 28; texto 16, entrevistada 32; texto 17, entrevistados 33 e 34; texto 24, entrevistados 47 e 48; texto 29, entrevistados 57 e 58 e, por fim, texto 30, entrevistados 59 e 60), o que pareceu decorrer tanto do fato de que cada leitor “tem suas especificidades e sua história” quanto do “grau” de conhecimentos prévios de cada um. É possível, ainda, que esse resultado comprove a quarta hipótese lançada na Introdução deste trabalho: a existência de uma leitura feita pelo entrevistador/analista pode induzi-lo a reconhecer uma única resposta como “verdadeira”, ignorando a autonomia do sujeito produtor de leitura.

Na leitura dos textos 9, 12, 14, 16, 17 e 24, realizada pelos entrevistados 18, 23, 24, 27, 28, 31, 34 e 47, as lacunas de compreensão derivaram da falta de percepção fisiológica do signo, dado que contribuiu para a confirmação da hipótese de que o desconhecimento ou a desconsideração de pistas lingüísticas comprometeriam a compreensão.

Também se pôde confirmar a hipótese de que a falta de conhecimentos prévios poderia conduzir a planos de leitura não desencadeados nos textos, como ocorreu com os entrevistados 27 e 28 em relação ao texto 14, por exemplo. Ainda se constatou um caso em que o leitor “saiu pela tangente”, possivelmente por não entender, ou não querer comentar (texto 24, leitor 48). Merece destaque, também, que alguns leitores ainda lêem a frase e não o texto, ou tomam parte por parte (textos 1 e 8, entrevistados 1 e 15).

Dos 60 leitores, 31 demonstraram pensar no contexto de produção e no *ethos* do enunciador (textos 1, 2, 5, 9, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28 e 30), enquanto alguns perceberam as marcas lingüísticas da enunciação (leitores 54 e 55), mais patentes nos textos 27 e 28.

Também foram identificadas, ao longo e ao final da pesquisa, as quatro etapas do processo de compreensão estabelecidas por Bakhtin (2000), destacando-se a leitura realizada pelo entrevistado 43 ao texto 22.

Quanto ao processo de enunciação, a característica da maioria dos textos analisados é a duplicidade enunciativa (MAINGUENEAU, 1996). Eles correspondem à reenunciação do referencial, que passa ao estatuto do eu-aqui-agora, e contém sua própria verdade, cujo valor decorre do estado de coisas a que se referem e, também, do ato locutório anterior, dois atos que aparecem simultaneamente, na maioria dos textos analisados, na seqüência superficial. Em outras palavras, esses

textos resultam de um ato anterior expresso por uma voz coletiva (uma opinião comum), que, por isso mesmo, é assumida por outra voz para referir um estado de coisas, uma situação de discurso.

Corroborando as afirmações de Maingueneau (1996), constatamos que essa dupla enunciação revela que o ponto de partida da frase é constituído pelo ponto terminal de um sentido: há uma voz coletiva que participa da comunicação, validando a primeira asserção, cuja verdade é pressuposta por uma segunda voz, expressa por um locutor que se apresenta como não identificado à voz coletiva, à exceção do texto 25, em que não há contestação de “verdades”. A primeira é expressa por uma voz impessoal que representa a opinião comum, a “sabedoria”.

Sobre ela se constrói uma enunciação segunda, garantia de falsidade da primeira, que funciona como refutação, exceto no caso do texto de nº 25, em que se produz o eco.

Nos textos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 14, 18, 20, 21, 24, 26, 29, o locutor identifica-se com o enunciador, embora se esconda sob um enunciador “impessoal”. Configura-se, ali, a expressão do fazer crer. A verdade cristalizada da primeira enunciação, aceita pela sociedade, é incorporada pelo locutor dentro de uma situação dada, reiterando-se o saber partilhado, porém o enunciador coloca-se em posição de superioridade em relação ao enunciatário (imposição) e transgride. Assim, manifesta-se uma força locutória persuasiva: parece querer regular o (novo) mundo, convencer o outro do imobilismo da situação (mesmo modelo de comportamento para o eu-aqui-agora), num processo de des-sacralização.

No caso dos textos 6, 9, 12, 15, 16, 17, 19, 23, 25, 28,29, 30, o locutor manifesta-se em primeira pessoa, como se falasse apenas de si, mas seleciona recursos lingüísticos que atuam sobre o eixo da crença, como o tempo verbal e o

tipo de lexemas, postando-se como argumento de autoridade para subverter os valores ou crenças instituídos ou para, no caso do texto 25, validar uma asserção em que já se contestava algo, sem promover a transgressão do texto “original”. Destaque-se que os dêiticos de primeira pessoa reenviam-nos à instância da enunciação que produz os enunciados.

Os textos aqui incluídos constituíram-se (ou pretenderam fazê-lo), pois, como operadores de manipulação: pretendem atuar sobre a conduta das pessoas, propondo a subversão da ordem: todos contestam valores, burgueses ou não, instituídos na sociedade. Multiplicados e “comercializados” aos milhares (considerado o portador – a camiseta), buscam gerar outros valores, outros “produtos”, que, embora se ofereçam sempre como novos, trazem clichês, dificultando o reconhecimento de uma individualidade e de uma história no responsável por sua “criação”, mesmo quando enunciadas em primeira pessoa.

Os textos de números 09, 27, 28 e 29 têm o princípio dos chistes: completam seu sentido unicamente com a participação do interlocutor; remexendo seu inconsciente de maneira a envolvê-lo e fazê-lo rir (FREUD, 1987). O chiste funciona por sua economia dialógica, que conta com a reação do ouvinte. É nessa mesma estrutura que funcionam os textos volantes em análise: uma ruptura, uma ilegalidade que se torna, pela garantia da interpretação do ouvinte, pública, legal. Tomem-se, a título de exemplo, os textos de números 10, 18 e 19.

Reduzidos ao instituído – embora sob a forma de paródia (excetuando-se o texto 25) –, os textos representam o já-dito, mas apresentam-se capazes de disseminar uma contaminação passiva, embora os leitores a que foram submetidos tenham, em sua maioria e ao menos aparentemente, rejeitado as “novas” verdades. Conforme afirma Bakhtin (2000), uma pessoa nunca encontra as palavras neutras ou

isentas de aspirações e avaliações dos outros: ela as recebe orquestradas pela voz dos outros, mediadas pelas interpretações que já sofreram e pressionadas pelos contextos que já integraram.

Embora reconheçamos a existência de inúmeras formulações acerca da origem e das manifestações da intertextualidade, como as contribuições de Genette, em seu *Palimpsestes*, e as que se reuniram na *Revista Poétique 27*, foi a intertextualidade por subversão que prevaleceu nos textos que constituem o *cópus* de nossa pesquisa.

Acrescente-se que, neste trabalho, evidenciou-se o papel do contexto no processo de recepção dos 30 textos, seja pelas circunstâncias momentâneas de sujeição dos diferentes leitores às condições do processo, seja pela quantidade de informações de que dispunham esses leitores para compreender os textos e estabelecer as relações possíveis: a identificação dos sentidos assumidos pelo texto variaram de acordo com o tipo de repertório do leitor, porque o processo de recepção põe em “juízo” o texto-alvo e a soma dos conhecimentos prévios, evocados pelo mecanismo de interpretação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderna, 2000. (Coleção Polêmica)

BAJARD, Elie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de nossa época, v. 28)

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. (do francês) Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASTOS, Lúcia M.K. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1985.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de & DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Introduction to text linguistics*. London/New York, Longman, 1981.

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v. 1 São Paulo: Córtes, 2001, p. 245-287.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. Eduardo Guimarães, et alii. Campinas(SP): Pontes, 1989, v. II.

BÍBLIA, V.T. O êxodo. Português. *Bíblia Sagrada*. LEB. São Paulo: Edições Loyola, 1983 cap.20, vers.17.

BRAGGIO, Silvia L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAROLLES, M. Coherence as a principle in the regulation of discursive production. In: W. HEYDRICH, F. NEUBAUER, J. PETÖFI, & E. SÖZER (eds.). *Connexity and coherence*. Berlin: De Gruyter, 1989.

CITELLI, Adilson O. Escola e meios de massa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-28.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 1ª reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DURIGAN, Marlene. *Do verbo ao texto: uma leitura de Caetés, São Bernardo e Angústia*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1995. 294 f. (Tese de doutoramento)

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FÁVERO, Leonor L. e KOCH, Ingedore G. V. *Lingüística Textual: introdução*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, J. L. & SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1973.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.

GERALDI, João Wanderley. *O texto em sala de aula*. Cascavel, PR: Assoerte, 1991.

GIASSON, Jocelyne. *A compreensão na leitura*. Lisboa: Edições ASA, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Nas malhas da mídia: agenciando os gêneros, produzindo sentidos. In: BARONAS, Roberto (Org.). *Identidade cultural e linguagem*. Campinas: Pontes; Cáceres: Editora da UNEMAT, 2005, p. 23-33.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

GRICE, H. P. Further notes on logic and conversation. In: COLE, P. (ed.). *Pragmatics and semantics*, 9. New York: Academic Press, 1975.

GÜLICH, E. & T. KOTSCHI. *Les marqueurs de la reformulation paraphrastique*. Cahiers de linguistique française.1987.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. Língua e enunciação. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, 30. Campinas: Editora da Unicamp, p. 99-103, 1995.

HALLIDAY M.A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman.1976.

KINTSCH, W. e van DIJK, T.A. Comment on se rapelle et on résume des histoires. *Langage*, 40:99-116, 1975.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da Lingüística Textual no Brasil. *DELTA* vol.15, especial, São Paulo, EDUC, PUC/SP.1999.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore G. V. e TRAVAGLIA, Luiz C. *Texto e coerência*. São Paulo: Contexto, 1990.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo Perspectiva, 1974. (Coleção Debates)

LYONS, John. *Semantics*. 2 vols., Cambridge; Cambridge. University Press. 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Trad. Marina Appenzeller. Revisão da trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos da comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Edições Criar, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

\_\_\_\_\_. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: Orlandi, Eni P. Et Alii. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1994. 38-57.

MARQUESI, Sueli C. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1991

PINTO, Milton J. *As marcas lingüísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português*. Rio de Janeiro: Numen ED., 1994.

RODRIGUES, Vania dos Reis e DURIGAN, Marlene. Ensino de português: emprego dos tempos verbais. *Papéis*, 7, nº esp.. Campo Grande: Editora da UFMS, p. 183-190, jul-dez 2003.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos, 165.

SCHMIDT, S. Conceito e geração de texto. In: *Lingüística e teoria de texto*. trad. por SCHURMAN, Ernst F. São Paulo: Pioneira, 1978, p. 163-187.

SILVA, Cláudia Teodoro da. *Questões de leitura e interpretação no vestibular: entre o texto-base e as respostas dos candidatos*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004. 110 p. Dissertação de Mestrado.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz C. Gêneros de texto definidos por atos de fala. In: ZANDWAIS, Ana (Org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002, p. 129-153.

\_\_\_\_\_. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1997.

VAN DIJK, Text and context: *Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London. Longman. 1977.

\_\_\_\_\_. *Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition*, Hillsdale, N.J. : L. Erlbaum Associates, 1980.

\_\_\_\_\_. *La ciencia del texto*. Teun A. Van Dijk. Barcelona/Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1989

\_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

[www.http://camisetaecologica.blogs.sapo.pt](http://camisetaecologica.blogs.sapo.pt). Acesso em: 18/12/2004.